

**Portugal e Japão: uma amizade linguística.  
Para uma análise das Cartas do Japão de Wenceslau  
de Moraes e a gramática Arte da Lingoa de Iapam de  
João Rodrigues**

Maria do Carmo Teixeira de Sousa

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
Estudos Lusófonos  
(2º Ciclo de Estudos)

Orientador (es): Prof. Doutora Maria do Céu Brás da Fonseca  
Prof. Doutor Paulo Osório

Covilhã  
Outubro de 2021

**Folha em branco**

“Last but not least, I wanna thank me  
I wanna thank me for believing in me  
I wanna thank me for doing all this hard work  
I wanna thank me for having no days off  
I wanna thank me for, for never quitting  
I wanna thank me for always being a giver  
And tryna give more than I receive  
I wanna thank me for tryna do more right than wrong  
I wanna thank me for just being me at all times”  
Snoop Dogg in *I Wanna Thank Me*

## Agradecimentos

À Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria do Céu Fonseca pela amigabilidade, pela partilha de conhecimento e por ter aceitado, mesmo que tarde, acompanhar-me nesta viagem. Espero que tenha gostado de ter trabalhado comigo tanto quanto gostei de ter trabalhado consigo.

Ao Prof. Doutor Paulo Osório por ter aceitado embarcar nesta aventura desde o início, por sempre ter-me apoiado nas minhas decisões, pela paciência e pela ajuda, tanto material quanto emocional, durante este ano que passou. Nunca serei capaz de retribuir, mas irei fazer os possíveis para tal.

À Prof.<sup>a</sup> Doutora Cristina Vieira pela amizade e por sempre ter tentado ajudar-me no que precisava e necessitava. Estarei sempre disponível para ir tomar um cafezinho à baixada do Porto.

Aos meus amigos, que mesmo longe ou perto, sempre acreditaram em mim e ajudaram-me neste longo processo: Maria, Dalia, Inês, Anas, Marianas, André, João, Vânia, Maico, Cláudia, Sofia, Sara, Grazi e Fernando, às amizades que criei em São Miguel e à Tuna Com Elas, entre muitos outros que sempre me fizeram rir e a nunca desistir, mesmo quando a vontade era muita.

Aos meus colegas de curso e de universidade por terem tornado este percurso ser mais agradável e divertido, mas principalmente à Aginaide, Ambrósio, Felipe, Paulo, Tabita, João, por terem-me acolhido desde o primeiro dia.

Aos meus pais e irmã, pelo apoio incondicional e por nunca terem desistido de me dar uma educação superior, mesmo nas alturas mais difíceis. Espero que estejam orgulhosos.

A mim, por nunca ter desistido, por ter lutado e remado contra a maré, por ter completado mais uma etapa da minha vida, e por sempre ter sonhado alto.

Ao Universo!

## Resumo

Sendo os primeiros ocidentais a atracarem no porto de Tanegashima em 1543, desde cedo que os portugueses viram o Japão como um país de oportunidades mercantis e da cristianização do território nipónico. Devido a isso, e mesmo que tenha sido uma tentativa com um final infeliz, os inúmeros anos que os jesuítas permaneceram no país fez com que, e por vias de aculturação e influências, diversas palavras do foro português passassem a fazer parte do vocabulário do povo nipónico.

Acredita-se que a língua japonesa se tenha apropriado de cerca de quatro mil palavras portuguesas, permanecendo aproximadamente quatrocentas nos dias atuais. No entanto, mesmo com um número elevado e com uma história datada do século XVI, ainda não existem estudos suficientes sobre as relações linguísticas entre estes dois países, principalmente quando verificamos que as relações luso-nipónicas estão a aumentar com o passar dos anos.

Por essa mesma razão, o principal objetivo desta dissertação é trabalhar as relações e influências linguísticas que a língua portuguesa teve na língua japonesa a partir do século XVI, com base no livro *Cartas do Japão* de Wenceslau de Moraes e a gramática *Arte da Língua de Iapam* do Padre João Rodrigues.

O trabalho organiza-se em três capítulos. No primeiro abordam-se as relações históricas entre Portugal e Japão, desde a história do Japão na época quinhentista, até à chegada dos jesuítas ao território e sua expulsão no ano de 1614. Posteriormente, abordam-se as relações linguísticas, desde uma simples explicação sobre a língua japonesa, até à demonstração das áreas em que a língua portuguesa teve mais influência sob o japonês, explicando tal fenómeno. Para além disso, irão ser expostas algumas palavras do foro português que continuam no léxico japonês.

Seguidamente, focamo-nos no escritor Wenceslau de Moraes e a sua obra *Cartas do Japão*. Neste capítulo comentamos a vida e obra do autor português, a razão que o levou a ir para o Japão e o que o levou a lá ficar. Já em relação ao livro, traçamos a sua importância histórica e literária, mostrando, posteriormente, a influência da língua portuguesa no país nipónico. Esta influência não se foca apenas, e unicamente, na parte linguística, mas também nos aspetos literários e culturais que o escritor considera semelhantes nos dois países.

Concluimos com a gramática *da Arte da Língua de Iapam* de João Rodrigues, conhecendo, primeiramente, um pouco sobre a vida do missionário português e sua influência dentro da Companhia de Jesus e na corte japonesa. Seguidamente, irá ser feita uma análise à gramática, desde a sua importância para a literatura missionária e também para o estudo do japonês medieval. Posteriormente, a análise irá focar-se nos termos portugueses que o jesuíta acredita fazerem parte do vocabulário japonês.

Esta dissertação tem como objetivo acadêmico aumentar o interesse público para o tema em questão, para incrementar palestras, artigos e trabalhos sobre o tema, já que o assunto ainda é bastante negligenciado pela comunidade estudantil e linguística.

**Palavras-chave:** Portugal; Japão; Wenceslau de Moraes; João Rodrigues; Ásia; relações linguísticas

## Abstract

Being the first westerners to dock in the port of Tanegashima in 1543, from early on the Portuguese saw Japan as a country of mercantile opportunities and an opportunity to Christianization of the Japanese territory. Because of this, and even if it was an attempt with an unhappy ending, the countless years that the Jesuits stayed in the country, and through acculturation and influence, many Portuguese words became part of the vocabulary of the Japanese people.

It is believed that the Japanese language has appropriated about four thousand Portuguese words, with approximately four hundred remaining today. However, even with such a large number and with a history dating back to the 16th century, there are still not enough studies about the linguistic relations between these two countries, especially when we assume that the Luso-Japanese relations are increasing as the years go by.

For this very reason, the main objective of this dissertation is to work on the linguistic relations and influences that the Portuguese language had on the Japanese language from the 16th century on, with the help of the book *Cartas do Japão* by Wenceslau de Moraes and the grammar *Arte da Lingoa de Iapam* by Father João Rodrigues.

The work is organized in three chapters. The first chapter is about the historical relations between Portugal and Japan, from the history of Japan in the 15th century to the arrival of the Jesuits in the territory and their expulsion in 1614. Afterward, the linguistic relations will be approached, from a simple explanation about the Japanese language, to the demonstration of the areas where the Portuguese language had more influence over the Japanese, explaining such a phenomenon. In addition, some Portuguese words that continue in the Japanese lexicon will be exposed.

Next, we will focus on the writer Wenceslau de Moraes and his work *Letters from Japan*. In this chapter we will comment on the Portuguese writer's life and work, the reason that led him to go to Japan and what led him to stay there. As for the book, we will trace its historical and literary importance, later showing where we can read the influence of the Portuguese language in the Japanese country. This influence is not only, and solely, focused on the linguistic part, but also on the literary and cultural aspects that the writer considers similar concerning these two countries.

We conclude with the grammar of João Rodrigues' *Arte da Lingoa de Iapam*, knowing, first, a little about the Portuguese missionary's life and his influence within the Society of Jesus and the Japanese court. Next, an analysis of the grammar will be made,

from its importance for missionary literature, but also for the study of medieval Japanese. Afterward, the analysis will focus on Portuguese terms that the Jesuit believes can be part of the Japanese vocabulary.

This dissertation has the academic goal of increasing public interest in the topic in question so that there will be an increase of lectures, articles, and papers on the subject since the subject is still rather neglected by the student and linguistic community.

**Keywords:** Portugal, Japão, Wenceslau de Moraes, João Rodrigues, Asia, linguistic relations.

# Índice

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO 1 - O JAPÃO E PORTUGAL.....	14
1.1. O JAPÃO DA ERA QUINHENTISTA .....	14
1.2. O PRIMEIRO CONTACTO .....	16
1.3. A CHEGADA DE FRANCISCO XAVIER E A TENTATIVA DE EVANGELIZAÇÃO.....	18
1.4. A EXPULSÃO DOS PORTUGUESES NO JAPÃO .....	23
1.5. AS RELAÇÕES LUSO-NIPÓNICAS E A HERANÇA DEIXADA PELOS PORTUGUESES NO JAPÃO .....	27
2. AS INFLUÊNCIAS LINGUÍSTICAS .....	29
2.1. COMO FUNCIONA O JAPONÊS .....	29
2.1.1. <i>Gairaigos</i> ou empréstimos .....	30
2.2. A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NA LÍNGUA JAPONESA .....	32
2.3. PALAVRAS JAPONESAS DE ORIGEM PORTUGUESA .....	38
2.4. O PORTUGUÊS NO JAPÃO DA ATUALIDADE.....	40
CAPÍTULO 2 - AS <i>CARTAS DO JAPÃO</i> DE WENCESLAU DE MORAES.....	43
2.1. VIDA E OBRA DE WENCESLAU DE MORAES .....	43
2.2. A IMPORTÂNCIA DO JAPÃO NA VIDA DE WENCESLAU DE MORAES .....	47
2.2.1. As primeiras impressões.....	47
2.2.2. O afeto pelos japoneses e o ódio pelos ocidentais .....	49
2.3. AS <i>CARTAS DO JAPÃO</i> : UMA OBRA EPISTOLAR.....	52
2.3.1. Do que trata a obra.....	52

2.3.2. Importância histórica das cartas .....	53
2.3.3. Frustrações, alegrias e sermões .....	55
2.4. A LÍNGUA JAPONESA EM COMPARAÇÃO COM A LÍNGUA PORTUGUESA PRESENTE NA OBRA <i>CARTAS DO JAPÃO</i> .....	57
2.4.1. Breve resumo do primeiro encontro entre os dois países .....	57
2.4.2. Os empréstimos portugueses na língua nipónica.....	59
2.4.3. Algumas diferenças interessantes entre as duas línguas segundo Wenceslau de Moraes .....	65
2.5. WENCESLAU DE MORAES, O “PORTUGUÊS JAPONIZADO” .....	67
CAPÍTULO 3 - O PADRE JOÃO RODRIGUES E A GRAMÁTICA <i>ARTE DA LINGOA DO IAPAM</i> .....	70
3.1. QUEM FOI O PADRE JOÃO RODRIGUES .....	70
3.2. ARTE DA LINGOA DE IAPAM.....	74
3.2.1. A literatura missionária .....	74
3.2.2. Arte da Língua de Iapam (1604-1608).....	76
3.3. A LÍNGUA JAPONESA SEGUNDO JOÃO RODRIGUES.....	80
3.4. COMO INTRODUIR A LÍNGUA PORTUGUESA NA LÍNGUA JAPONESA .....	83
CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	93

# Índice de tabelas

Tabela 1: Recompensas oferecidas pelos religiosos católicos (a partir de 1625);

Tabela 2: Palavras japonesas de origem portuguesa;

## Introdução

Situado no Oceano Pacífico e localizado no extremo leste do continente asiático, o Japão é um arquipélago integrado por 3 mil ilhas. As principais, e as mais conhecidas, são as ilhas de Honshu, Shikoku, Hokkaido e Kyushu. As distâncias entre as ilhas do continente acabam por ter um valor político pois,

The distance from the southern island of Kyushu to the Asian mainland was close enough to allow sea journeys more than two thousand years ago, but it was far enough to have made this a perilous journey. Until modern times this distance made it possible but unusual to launch military invasions from the continent or expeditions of conquest from Japan (Gordon 2003: 1).

Esta particularidade acaba por ser de extrema importância quando temos uma visão retrospectiva do Japão, visto que o país tem um forte histórico de invasões e guerras civis. Aliás, foi no meio de uma guerra civil que os portugueses António da Mota, António Peixoto e Francisco Zeimoto chegaram ao país do Sol Nascente, na data de 23 de setembro de 1543.

Apesar de os portugueses terem sido os primeiros ocidentais a pisarem o território nipónico, já se tinha ouvido falar do país graças a Marco Polo. Embora ele não tenha chegado ao Japão, ouviu falar sobre o país enquanto esteve na China no século XIII e chamou-o de “Zipagu”. Tomé Pires, na sua obra *Suma Oriental* de 1514, menciona também a ilha e o seu isolamento em relação aos países vizinhos, principalmente a China.

Tal isolamento, ou pseudo-isolamento, acontecia desde o século XII, quando a família imperial perdeu o controlo do território para os *daimyō*<sup>1</sup>, designação dada aos governadores locais. É importante mencionar, desde já, que a perda de poder do imperador vai ser importante para explicar a influência que os portugueses tiveram no território e de que maneira contribuíram para a unificação do país. Sendo assim, e com a ruína do imperador, um dos clãs regionais, o Clã Minamoto, impõe-se em 1192 como líder do *shōgun*<sup>2</sup>, grande comandante militar. Este título era o mais elevado na hierarquia governativa nipónica, pois os seus titulares eram ditadores militares que estavam à frente do país.

Contudo, tal poder do clã acabou por perder-se e, em 1336, o Clã Ashikaga assume o controlo governativo. No entanto, e tal como aconteceu com o anterior clã, a falha foi

---

<sup>1</sup> Um dos grandes senhores que eram vassallos do *Shōgun*. Possuíam terras para governar e um pequeno exército de samurais.

<sup>2</sup> Hierarquia mais alta da sociedade medieval japonesa, só ficando atrás do Imperador. Traduz-se para português como militar ou governante militar.

iminente e o poder voltou a ser fragmentado e dado para os *daimyōs*. Acontece, assim, uma guerra civil e um caos político.

Logo no primeiro momento e contacto, os portugueses aperceberam-se que poderiam utilizar o Japão como uma fonte de comércio. Devido aos conflitos internos entre a China e o Japão, as relações comerciais eram inexistentes. Contudo, o Japão tinha interesse na sede chinesa e a China, por sua vez, cobiçava a prata japonesa. Uma vez que os portugueses, e como vai ser explicado adiante, já tinham influências comerciais em Goa, Malaca e Macau, começaram, então, a servir como intermediários nas trocas comerciais.

Para além do estabelecimento destas trocas, os portugueses visaram a cristianização do território japonês, que, no início, foi vista com bons olhos. Foi com a chegada de Francisco Xavier a Kagoshima em 1549, que a relação entre os dois povos se tornou mais amigável. Numa carta aí redigida por Francisco Xavier, em 1549, o missionário dá-nos a conhecer um pouco mais sobre o povo japonês e o que ele, como jesuíta, pensa sobre os “infieis”:

Este povo é a delícia do meu coração [e é] gente de mui boa conversação, geralmente boa, e não maliciosa [...], de muitas cortesias uns com outros. [...] e me parece que entre gente infiel não se achará outra que ganhe aos japões [...]. Não matam nem come coisa que criam [...]. É gente que não sofre infúrias nenhuma, nem palavras ditas com desprezo [...] de muito juízo e curiosa de saber, asi nas cousas de Deus, como nas outras cousas da ciência (CE, 1993: I, fls. 2, 9v, 10, 13).

Apesar de a cristianização ter vingado em algumas partes do país, havendo *daimyōs*, isto é, “senhores locais”, a converterem-se ao Cristianismo, o futuro que parecia tão promissor acabou por desmoronar-se com a subida ao poder do general japonês Toyotomi Hideyoshi. Apesar de todas as dificuldades por que os missionários portugueses passaram no território nipónico depois da subida ao poder deste general, são inegáveis as muitas áreas em que se fez sentir a influência dos lusitanos, desde a tipografia, às ciências militares e astronomia, até à língua.

Foi o jesuíta João Rodrigues que editou o primeiro estudo sistemático em língua portuguesa sobre a língua japonesa. Ele analisou a língua falada pelos nipónicos para que, assim, os missionários tivessem mais facilidade em propagandear a fé cristã. Não obstante, foi graças aos estudos dos missionários, tal como Rodrigues, que foram compilados vários livros de extrema importância sobre a língua japonesa. Temos, então, o *Dictionarium Latino Lusitanicum, ac Iaponicum* ou *Dicionário de Latim Português e Japonês*, impresso em Amakusa, no ano de 1595; o *Vocabulario da Lingoa de Iapam com a declaração em*

*Português*, saído da imprensa jesuítica de Nagasaki em 1603 (a que foi acrescentado um suplemento em 1604); e, por último, a importante obra do Padre João Rodriguez, *Arte da Lingoa de Japão* (Nagasaki, 1604-08), tendo depois saído, em Macau, nos anos 1620, a *Arte Breve da Lingoa Iapoa*.

Se os portugueses aprendiam a língua japonesa para, assim, haver uma maior facilidade de comunicação durante a cristianização, não é de todo estranho que a própria língua japonesa tenha adotado várias palavras do léxico português, até porque a língua portuguesa era aprendida nos pagodes e Rodriguez menciona que “(...) em Japão os Padres e Irmãos entre si usam de lingoa e orthographia Portuguesa (...)” (*apud* Araújo 2008:12)

Acredita-se que a língua japonesa se tenha apropriado de cerca de quatro mil palavras portuguesas, mas a sua maioria acabou por cair em desuso. Não obstante, o vocabulário japonês moderno conta com dúzias de termos de origem portuguesa, segundo o investigador japonês Maruyama (2003:1). Uma grande parte destas palavras respeita a termos religiosos, tal como vamos analisar nos capítulos seguintes, não só na gramática, mas também nas variadas cartas escritas por Moraes.

Esta tese visa, então, dar a conhecer as influências que a língua portuguesa teve na língua nipónica, tendo como suporte o livro *Cartas do Japão* de Wenceslau de Moraes e a gramática *Arte de Lingoa de Iapam* do Padre João Rodrigues. Tem como objetivo inicial e principal, não só conhecermos tais influências, como também franquear portas à investigação linguística entre as duas línguas.

No primeiro capítulo descrevemos sucintamente o Japão da era quinhentista a nível político e qual é que foi a situação com que os portugueses se depararam quando chegaram ao território, passando, então, para a descrição do primeiro contacto entre Portugal e Japão, mencionando os interesses iniciais por parte dos portugueses. De seguida, minuciaremos a evangelização no Japão desde a chegada de Francisco Xavier até à expulsão final dos jesuítas em 1614. Apesar de o país se ter fechado para os estrangeiros desde o édipo anticristão, Portugal ainda conseguiu influenciar o japonês consideravelmente e, por essa mesma razão, iremos apresentar algumas palavras que continuam no léxico japonês, fruto de influência da língua portuguesa.

O segundo capítulo é focado na análise do livro *Cartas do Japão* de Wenceslau de Moraes. Iremos dar a conhecer um pouco a vida e obra do escritor, explicando a importância histórica e investigativa do livro. De seguida, e após um breve resumo sobre a chegada dos portugueses e as relações entre os japoneses e os jesuítas, iremos fazer uma breve análise linguística sobre as *Cartas*, desde a opinião de Wenceslau de Moraes sobre a língua japonesa, às diferenças entre as duas línguas e as parecenças.

Por fim, o último capítulo é sobre a gramática *Arte da Língua de Iapam* de João Rodrigues. O foco desta última parte é conseguirmos analisar as palavras que o missionário acredita que podem passar a fazer parte da língua japonesa, para além de outras problemáticas. Tal análise será feita depois de conhecermos um pouco mais sobre a importância do gramática e do seu autor, além de nos debruçarmos um pouco sobre as características da literatura missionária e a sua importância.

No final desta dissertação, pretendemos responder às seguintes perguntas: qual o contexto histórico de Portugal e Japão? Que influências tiveram os portugueses na língua e cultura japonesa? Como conseguimos ver essas mesmas influências nos livros e gramáticas escritos por autores e gramáticos portugueses?

A investigação terá como objetivo principal demonstrar as relações linguísticas entre Portugal e Japão através do estudo das duas obras já descritas. Apesar de as duas terem um foco diferente, uma sendo um livro literário e a outra uma gramática, ambas são de interesse para esta pesquisa, visto que conseguimos ter duas visões diferentes destas influências: uma, antes da introdução dos empréstimos linguísticos e a outra já com os termos integrados na língua japonesa. Ambas as obras foram selecionadas por serem, também, aquelas que nos dão uma melhor visão deste relacionamento secular entre Portugal e o Japão.

Esta dissertação acaba por, para além de um objetivo académico, ser também um objetivo pessoal, visto que os trabalhos, artigos, teses e informações sobre o tema são bastante escassos e, de certa forma, negligenciados por ambas as comunidades linguísticas. Esperamos que este trabalho investigativo seja o início de uma continuação de estudos na área.

# Capítulo 1 - O Japão e Portugal

## 1.1. O Japão da era quinhentista

Desde os tempos antigos até à atualidade, a imagem do imperador teve um papel central na história do Japão, não só culturalmente, mas como também político-militar. Na verdade, tal papel é tão importante que foi uma das poucas instituições de poder que conseguiu sobreviver até aos tempos modernos, mesmo depois de revoluções, guerras civis e da abertura forçada pelos americanos.

A atual família imperial remota ao início século VI, com origem na dinastia Yamato, uma dinastia de sacerdotes e sacerdotisas que presidiam a vários clãs até terem o poder total. É de relevo mencionar que o Japão, graças às influências vindas da China, sempre viu o Budismo, Confucionismo e o Xintoísmo como religiões valiosas e de relevância, ao ponto de se acreditar que o primeiro imperador era filho de Amaterasu, a Deusa do Sol. Ou seja, os imperadores, de uma maneira ou de outra, eram descendentes diretos da deusa mais importante da mitologia japonesa.

No entanto, e apesar de o papel do imperador ser de relevo, a verdade é que esse poder político não perdurou durante muito tempo. Tal falta de destaque é notada até aos dias atuais, visto que o Japão mantém a sua família imperial, mas nenhum membro tem poder político, tendo enfraquecido também a influência religiosa.

With a few exceptions, emperors from the ninth through the nineteenth century were of little political consequence. They continued to play a religious role as priests in the indigenous Shinto tradition, but other figures came to rule in the name of the emperor: first aristocratic families linked to the imperial court and then military families with diverse social and political base. Thus, the high political profile of the modernized monarchy in the nineteenth century was a major break with the past (Gordon 2003: 4)

Ou seja, apesar de o imperador ter tido um importante papel a nível político e militar, com o tempo acabou apenas por ter um papel meramente religioso e simbólico. Sendo assim, o Japão começou a ser dividido em diversas unidades políticas, sob o controlo dos acima mencionados *daimyō*, cada um dos quais tinha um pequeno número de samurais à sua disponibilidade.

Contudo, não foi esta a realidade que os portugueses conheceram quando chegaram ao país nipónico. Em 1467, começou um período conhecido como *Ōnin War* (*Ōnin no Ran* 応仁の乱), que foi uma disputa pelo poder que abriu um período de guerra civil conhecido por *Sengoku Jidai* (Morris 2018: 101), nome dado à tentativa de unificar o Japão, com origem no guerreiro Oda Nobunaga (1534-1582), o primeiro *shōgun*<sup>3</sup> a tentar centralizar o poder militar e político do país nipónico. Era descrito como uma pessoa impiedosa, que subiu ao poder depois de assassinar o chefe do clã Ashikaga, que na altura comandava o poder político do Japão. Começou a invadir propriedades, incendiar igrejas budistas e a matar monges, de tal forma que, em 1582, ele já tinha o controlo de cerca de dois terços do Japão.

Ao contrário dos dois *shōguns* que o sucederam, Nobunaga aceitava e gostava dos jesuítas portugueses, fazendo uso da espingarda, a primeira arma de fogo que os portugueses levaram e que pisou o solo nipónico. Podemos concluir, então, que os portugueses só conseguiram ter sucesso inicial e fazer difundir o cristianismo entre os japoneses devido a Oda e à sua tentativa de unir o Japão.

---

<sup>3</sup> Título dado a certos militares na Era Feudal. Cada um era apontado pelo *Shōgun* para vigiar e coletar dinheiro das províncias.

## 1.2. O primeiro contacto

Portugal foi o povo pioneiro na expansão marítima e na busca de novos comércios no século XV (Carvalho 1988: 39). Com um comércio marítimo focado nas especiarias orientais e no exotismo dos países orientais, e considerando os custos das rotas habituais, Portugal decidiu traçar novos caminhos. Por isso mesmo, em 1513, chega ao Mar do Sul da China, instalando o seu porto em Macau e começando, assim, as trocas comerciais com os países à sua volta. Por tal razão, não é de espantar que os portugueses tenham chegado ao Japão e que tenham tentado estabelecer relações comerciais.

Apesar de muito se especular sobre a data e a tripulação dos primeiros portugueses a pisarem o país nipónico, a investigadora Fuzii (2004: 17) apresenta dados sobre o assunto, tendo por fontes o historiador Diogo do Couto e um monge que escreveu a crónica *Teppō-ki* (1606):

Em 23 de setembro de 1543, após uma noite de tempestade, na praia de Tanegashima, pequena ilha ao sul do Japão, pertencente ao feudo de Satsuma, foi encontrado um pequeno junco, de fabricação chinesa, parcialmente destruído. Este havia sido desviado da sua rota, açoitado pela tempestade quando viajava de Sião (Tailândia) com destino a Macau para comércio. A bordo estavam os tripulantes portugueses Antonio da Mota, Antonio Peixoto e Francisco Zeimoto; altos de estatura, barba negra, cabelos ondulados, falavam uma língua desconhecida e portavam algumas espingardas.

Foi depois deste primeiro contacto que as relações entre os portugueses e os japoneses começaram a aflorar. Portugal trazia consigo a arma de fogo, metais e tecidos que os japoneses nunca tinham visto, enquanto os nipónicos possuíam a prata, uma aura misteriosa que fazia com que os portugueses quisessem permanecer no país, tendo em vista as transações comerciais.

Mencionando novamente a crónica *Teppō-ki*, temos descrita pelo monge a primeira imagem que o povo do país do Sol Nascente teve dos lusitanos (Janeira 1970: 31-32):

Estes homens, bárbaros do Sudeste, são comerciantes. Compreendem até certo ponto a distinção entre superior e inferior, mas não sei se existe entre eles um sistema próprio de etiqueta.

Bebem em copo sem o oferecerem aos outros; comem com os dedos e não os pauzinhos como nós. Mostram os seus sentimentos sem nenhum rebuço. Não compreendem o significado dos caracteres escritos. São gente que passa a vida errando desde aqui para além, sem morada certa, e trocam as coisas que possuem pelas que não têm, mas no fundo são gente que não faz mal. (...) e justamente por os portugueses serem bons homens, folgamos muito que eles venham a nossas terras, porque aqui não lhes farão nenhum agravo, antes em tudo serão favorecidos, porque depois que o mundo não vimos tal gente como são os portugueses.

É importante frisar a última parte deste excerto, “porque depois que o mundo não vimos tal gente como são os portugueses”, visto que tem um certo valor histórico e sentimental. Logo na introdução desta dissertação mencionámos que os portugueses foram os primeiros ocidentais a entrar no Japão; contudo, esta entrada não foi apenas relativa à chegada ao porto de Tanegashima, mas também ao envolvimento com a cultura, língua, tradições, economia e religião. Os japoneses nunca antes tiveram visto um povo como os lusitanos, um povo voltado pra guerra, para Deus e com uma enorme sede de conquista.

Não obstante, os japoneses também deixaram uma forte impressão nos portugueses, tendo-se assim iniciado, as trocas comerciais entre os dois países, fortalecidas com a chegada dos jesuítas e do Padre Francisco Xavier. Os portugueses começam a ser chamados por *nanbangaku* ou *nanban bunka*<sup>4</sup>, ou seja, “os bárbaros do Sul”.

---

<sup>4</sup> Termo criado pelos japoneses para se referirem aos portugueses e espanhóis. Traduz-se por “bárbaros do sul”. O “Século *Nanban*” tem esse nome como identificação aos anos em que estes povos permaneceram no país.

### **1.3. A chegada de Francisco Xavier e a tentativa de evangelização**

A expansão portuguesa sempre teve um cariz político-militar, social, económico e religioso. Na verdade, só conseguimos compreender os Descobrimentos se tivermos em conta estes cinco fatores, sem tentarmos hierarquizá-los ou perceber qual é o mais importante ou valorizado (Costa 1998: 27-28).

O cronista Gomes Eanes de Zurara escreveu ao infante D. Henrique os cinco motivos por que o mesmo deveria mandar o exército para outras terras: “o desejo de saber o que havia para lá do Bojador; a busca de cristãos com quem pudesse comerciar; a avaliação do poderio dos Muçulmanos; a busca do Preste João; o desejo de alargar a Cristandade” (Costa 1998: 28).

Por tal motivo, não é de estranhar que quando a embarcação portuguesa chegou ao porto de Tanegashima, além de trocas comerciais, São Francisco Xavier foi incumbido de visitar o país e, iniciar a conversão à religião cristã. Começa, assim, a presença da Companhia de Jesus em terras nipónicas e o início da evangelização.

A Companhia de Jesus nasceu em 1540, devido à Reforma Católica depois do Tratado de Trento e foi a ponte principal entre o ocidente/oriente e entre Portugal e o Japão. O interesse foi tanto, que a Companhia de Jesus produziu extensas obras literárias escritas pelos jesuítas para comunicar à Europa a cultura destes países, como explica Resende (2017: 290)

Foi esta ordem religiosa que deteve o exclusivo das informações respeitantes ao Japão, quase até finais do século XVI, e a informação que nos chegou através de inúmeras documentações, destacando-se as missivas que regularmente vinham até à Europa, continha elementos cruciais para se entender o *Outro*, inserido na sua perspetiva cultural, por vezes tão díspar da cultura ocidental (católica), representada e assumida pelos missionários.

As cartas funcionavam como elos de ligação, não só entre as várias missões, mas também e sobretudo com a casa-mãe, promovendo e incentivando o trabalho missionário, e ainda possibilitando a uma Europa, ávida de novidades, um melhor conhecimento (e eventual aceitação) das diferenças culturais.

No entanto, apesar de os japoneses terem aberto os seus portos para os navios portugueses e de aceitarem os jesuítas, a verdade é que o cristianismo não foi aceite de imediato pois, para além de trazerem instabilidade ao governo, também tinham o desagrado dos restantes líderes religiosos, os xintoístas e budistas. O ponto forte dos jesuítas era, unicamente, o facto de servirem como entreposto para o comércio chinês e japonês, auxiliando os mercadores.

Graças a isso, os mercadores portugueses – e note-se que muitos jesuítas eram também comerciantes - passaram a procurar cidades japonesas para sediar os seus negócios. Como foi mencionado no ponto 1.1, cada terra era protegida por um *daimyō*, que protegia os comerciantes e favorecia a conversão ao cristianismo. O bom acolhimento dos jesuítas está ilustrado nas palavras do rei do Bungo que o cronista Padre Francisco de Sousa reproduz (1978: 1121)<sup>5</sup>:

Mas o prudente Rey [de Bungo] os lançou [referência aos Bonzos sacerdotes budistas] de si envergonhados com estas formaes palavras: Haverà dez, ou doze annos, que tenho os Padres nas minhas terras. Antes que elles viessem, era senhor de três Reynos, & agora o sou de cinco: era muito pobre de dinheyro, agora não ha Rey em Japaõ, que tenha tantos tesouros: não tinha filhos, & summamente os desejava, agora os tenho. Com elles me entràrão em casa todas as felicidades. Dizey-me vòs agora, que proveyto me veyo de vos sustentar a vòs, & a vossa ley tantos anos?

Ou seja, a conversão dos *daimyōs*, que, além de protegerem os jesuítas também lhes davam liberdade de comércio, permitiu a esta ordem religiosa converter comunidades de camponeses e de samurais, que seguiam fielmente e obedeciam o seu senhor. Era uma troca justa. Os senhores da terra autorizavam o estabelecimento de missões jesuítas no seu território e, em retorno, negociavam prata como moeda de troca.

Costa (1998: 101) considera que o Japão é, na realidade, o maior espaço da cristandade do Padroado Português no Oriente:

(...) podemos pensar que o total [de conversões] para o final do século não é verdadeiramente considerável, pois na mesma época havia cerca de 2.000.000 de baptizados no México, 1.000.000 no

---

<sup>5</sup> Francisco de Sousa (1649-1712) foi um jesuíta luso-brasileiro-índio que fez parte da Companhia de Jesus. Ele partiu para o Oriente em 1665, chegando a Goa no ano seguinte, onde foi ordenado sacerdote em 1673, deixando a Companhia dez anos depois. Sousa foi um jesuíta com profunda ligação à formação humanística e teológica, sendo um defensor dos jovens cristãos que estavam à espera de serem batizados e dos neófitos. A sua obra mais conhecida foi *Oriente Conquistado a Jesus Cristo pelos Padres da Companhia de Jesus da Província de Goa* (1695-1705).

Perú e mesmo 650.000 nas Filipinas, onde os missionários só tinham chegado em 1565. Havia, contudo, uma diferença assaz importante entre o caso japonês e as outras missões, fossem espanholas ou portuguesas. No Japão não estavam presentes forças militares europeias; em Nagasaki viviam poucos portugueses e mesmo o número de missionários ocidentais estantes no país nunca ultrapassou a centena; além disso; como vimos atrás, muitos dos religiosos eram nativos, pelo que a Igreja não tinha uma feição tão europeia como nas missões da Índia, de África e da América. Assim, no país no Sol Nascente existia a única grande cristandade que estava fora da influência político-militar dos impérios ibéricos, e num país em que o poder supremo do império estivera nas mãos de gentios; isto significa que o seu crescimento resultara de condicionantes bem diferentes das restantes.

Uma das grandes razões por detrás destes números foi o facto de os jesuítas portugueses não levarem militares e de não tentarem impor os seus costumes ao povo japonês. Ao contrário do que aconteceu nas colónias portuguesas como o Brasil e Angola, em que os jesuítas encontraram povos não tão civilizados, ao chegarem ao Japão (e também à Índia e China), depararam-se com uma cultura milenar e essa mesma diferença teve repercussões na forma de missionação. Não foram os japoneses que tiveram que se assimilar aos portugueses, mas, sim, os jesuítas que tiveram que se despir dos preceitos que a Igreja decretava para se aculturarem aos japoneses.

O modelo utilizado pelos jesuítas no Japão foi de deixar de lado o preconceito eurocentrista da Igreja e acolher as tradições dos países que estavam a tentar evangelizar. Começado por Francisco Xavier, os inicianos começaram por mudar o seu traje, adaptaram as cerimónias litúrgicas não só a nível da língua, mas também a certos costumes locais. Por exemplo, ao invés de bancos dentro das igrejas, os fiéis sentavam-se no chão de pernas cruzadas, bem à moda japonesa. Tal respeito pela cultura do outro também inclui a parte arquitetónica, com a construção de igrejas ao estilo tradicional japonês.

Segundo Tüchle (*apud* Costa 1998: 64), Francisco Xavier foi o revolucionário pois,

[e]stando mentalmente na fronteira entre a Idade Média e Era Moderna, ele de modo algum se escandalizava com o padroado régio, e invocava sem escrúpulos o braço secular em favor dos interesses cristãos; de outro lado, porém, já tinha algum

presentimento do valor intrínseco de uma civilização exótica, qual se antolhava nas Índias e no Japão.

Não obstante, nem tudo foi ideal. Apesar de tentarem respeitar as diferenças entre duas distintas culturas, a verdade é que às vezes os jesuítas acabaram por sentir que o processo de evangelização já não era natural. A partir do momento em que não se podiam realizar algumas cerimónias de batismo, nem utilizar o nome cristão na vida quotidiana, além de questões mais complexas, como o *seppuku*<sup>6</sup>, e a proibição da confissão, os jesuítas começaram a ter problemas de consciência por não estarem a seguir o seu dogma tradicional. É importante mencionar que os jesuítas portugueses conseguiram, inicialmente, converter o povo nipónico devido à situação política do país e pelo facto de Oda Nobunaga apoiar o cristianismo, mesmo que tenha sido unicamente por interesse político.

Como aludido anteriormente, Nobunaga foi o primeiro *shōgun* a tentar unificar o Japão, depois de o imperador só ter um papel religioso e secundário e as províncias serem dominadas pelos *daimyōs*. Para além de ter sido o primeiro, também foi o único a aceitar abertamente os jesuítas. Luís Fróis<sup>7</sup> (CE, I, 1 jun., 1569, fl. 262) chega a descrever Oda e o seu comportamento depois da chegada dos portugueses,

[...] inclinado a obras de justiça, & misericórdia, arrogante, sumamente amigo de honra [...], sagacíssimo em ardis na guerra, pouco, ou quase nada sujeito a disciplina, & conselho dos seus, em extremo grau temido, & venerado [...] é de todos obedecido sumamente como senhor absoluto.

[...] vestidos de Europa [...] e medalhas de ouro com a imagem de Nossa Senhora [...], relógios, pelicas riquíssimas, vidros de Veneza cristalinos mui ricos, damascos, cetins e outras diversas peças da Índia [...]

Ou seja, Nobunaga usava roupa e acessórios tipicamente portugueses, o que nos demonstra que, apesar da variação das duas culturas, ele apreciava os jesuítas a nível

---

<sup>6</sup> *Seppuku* é um ritual suicida japonês reservado à classe militar, principalmente aos samurais. O método consiste num corte horizontal na zona do abdómen, abaixo do umbigo, efetuado com um *tantō*, *wakizashi* ou um punhal, partindo do lado esquerdo, cortando o abdómen até deixar as vísceras expostas. Este ritual faz parte de uma cerimónia elaborada e é executada à frente de espetadores.

<sup>7</sup> Luís Fróis (1532-1597) foi um missionário português que permaneceu no Japão durante 34 anos e é considerado o primeiro cronista europeu no Japão. Chegou ao Japão em 1563 com a Companhia de Jesus e fez amizade com Oda Nobunaga, permanecendo na residência do mesmo em Gifu. Escreveu um conjunto de *Cartas* em que descreve a sua experiência como missionário no Japão, a vida quotidiana no Japão e a situação religiosa. Fróis é o autor do livro *Historia de Japam* que continua até aos dias de hoje a ser uma importante fonte para os estudiosos do Japão. Para além dessas obras, também escreveu *O Relato da Morte dos 26 Mártires de Nagasaki* e o *Tratado em que se contém muita sucinta e abreviadamente Algumas contradições e diferenças dos costumes entre a Gente da Europa e Esta Província do Japão*. Luís Fróis foi uma figura de extrema importância na evangelização do Japão, para além de ter sido um dos primeiros a escrever sobre o país. No monumento de homenagem no Parque dos Mártires pode ler-se gravado: “Ele escreveu a História do encontro entre Portugal e o Japão.”

material, mas não a nível religioso. Até porque Oda só aceitou os portugueses no território porque o iam beneficiar contra os líderes religiosos japoneses, visto que Oda tinha uma visão diferente dos seus antepassados (Morris 2018: 104):

The Jesuits garnered favour with Nobunaga, and whilst his actions against Buddhist insurgency and his persecution of Buddhism benefitted the missionaries in the short term, it also set the precedent for his successors' anti-Christian policies.

Em outras palavras, Oda Nobunaga facilitou a entrada dos portugueses no Japão porque, assim, poderia usar o cristianismo a seu favor contra os budistas e xintós, ao mesmo tempo que aproveitava as inovações militares, como a espingarda, que os portugueses introduziram inicialmente. Inclusive, acreditava-se que o *shōgun* ia converte-se ao cristianismo devido à amizade que tinha pelos cristãos portugueses, que não passou de uma tática política.

Nada obstante, um futuro que parecia tão risonho para os jesuítas portugueses e para as trocas comerciais entre os dois países, mudou quando Nobunaga morreu em 1582 e Toyotomi Hideyoshi (1537-1598), general de Nobunaga, subiu ao poder. Foi aí que as perseguições e o anticristianismo foram instaurados.

## 1.4. A expulsão dos portugueses no Japão

Quando Oda Nobunaga foi assassinado em 1582, subiu ao poder Toyotomi Hideyoshi, um dos quatro generais do antigo *shōgu*. Apesar de inicialmente ter seguido as ideias do seu antecessor, a verdade é que a 1587, o *kanpaku*<sup>8</sup> (espécie de conselheiro) promulgou o primeiro édito anticristão, mas a expulsão definitiva dos portugueses só aconteceu 25 anos depois.

É verdade que, ao contrário do antigo *bakufu*<sup>9</sup>, Toyotomi nunca privou com os padres portugueses, nem possuía relações de amizade. Na verdade, apenas continuou a apoiar os jesuítas no início do seu *bakufu* pois era uma maneira de destruir os bonzos. Não se sabe ao certo o que levou Hideyoshi a, de um dia para o outro, querer expulsar os portugueses.

Existem várias teorias, mas a mais aceite é o facto de não querer que aspetos externos comprometessem a estabilidade em que estava o país. Para além disso, acredita-se que o mesmo tinha dúvidas em relação à lealdade dos portugueses, para além de que, com a popularização no cristianismo no Japão, as semelhanças entre os cristãos e as seitas budistas começaram a ser bastante semelhantes, como admite Morris (2018: 106):

Rather, Hideyoshi's policy was a pragmatic and rational response to an aspect of society which potentially threatened the socio-political order he was attempting to create. Fujita views this as relating to Hideyoshi's "unwarranted" 'suspicion of the Jesuits possessing some covert plan to topple his government and take over the whole country' and the "misunderstanding" that Christianity was part of the European colonial scheme.

Assim dizendo, um dos motivos que levou Hideyoshi a tentar expulsar os jesuítas do país foi o temor que sentia ao pensar que Portugal acalentava conquistar o território, e precisava de um móbil para unificar novamente o território nipónico, que ainda não estava totalmente sob controlo.

No entanto, apesar da Ordem de Expulsão dos jesuítas, a mesma não foi totalmente respeitada. Na realidade, o édito apenas restringia a conversão de não fiéis ricos e que possuíam terras e, se acaso quisessem converter-se, tinham que requerer uma permissão

---

<sup>8</sup> Conselheiro chefe do Imperador.

<sup>9</sup> Governo de um *shōgun*.

oficial para o fazerem; e proibia a conversão forçada. Apesar de se ter tornado mais complicado para os jesuítas procederem à conversão, foi ainda possível converter alguns nativos ao cristianismo.

No ano de 1590, foi promovida uma missão diplomática ao poder central japonês localizada na capital de Quioto. Liderada por Alexandre Valignano<sup>10</sup>, não passou de uma tentativa de promover a cultura europeia no país, para além de conseguir ter a permissão por parte de Hideyoshi para os jesuítas conseguirem mover-se livremente dentro do país. Foi nessa altura que o padre João Rodrigues Tçuzzu foi admitido como intérprete na corte de Hideyoshi. No entanto, as relações luso-nipónicas já estavam a deteriorar-se, não só devido à mudança de chefia do país, mas também à chegada de outros europeus, principalmente espanhóis, holandeses e ingleses.

Foi em fevereiro de 1597 que se deu o Martírio de Nagasaki, no qual seis franciscanos, três jesuítas e dezassete cristãos leigos foram crucificados, cento e vinte igrejas foram destruídas e onze jesuítas expulsos. Posteriormente um novo édito anticristão foi publicado, de maneira a desencorajar os países europeus recém-chegados ao país de tentarem algum tipo de conquista.

A tentativa de continuar a missão portuguesa piorou quando Hideyoshi faleceu e Tokugawa Ieyasu (1543-1616) subiu ao poder após vencer a batalha de Sekigahara, em 1600. Três anos depois, restabeleceu o regime *bakufu* e autoproclamou-se como *shōgun*, o cargo supremo. Ao contrário dos portugueses, os holandeses não estavam preocupados em tentar evangelizar o Japão, mas, sim, nas trocas comerciais, o que foi do agrado de Tokugawa.

Em 1612 e em 1614 sai um novo édito que, ao contrário dos anteriores, era para ser cumprido. Começam, então, as perseguições contra os cristãos, e muitos deles tiveram que renunciar à sua fé e abandonar o país sob ameaças de pena de morte. No entanto, apesar de muitos cristãos terem sido obrigados a renunciar ao cristianismo, a verdade é que muitos deles escondiam a sua religião ou as famílias e ocultavam os padres nas suas próprias casas.

---

<sup>10</sup> Alessandro Valignano (1539-1606) foi um missionário jesuíta napolitano e ajudou a supervisionar a evangelização no Extremo Oriente, principalmente no Japão. Juntou-se à Companhia de Jesus em 1566, sendo enviado onze anos depois como “Visitador” ao Oriente e supervisor da ação missionária do Padroado do Império Português. Devido à sua nacionalidade e opinião sobre a política expansionista e estratégia adaptacionista, tal decisão não foi muito bem aceite pelos restantes. Promoveu a adaptação dos jesuítas aos costumes locais, para além da aprendizagem da língua nativa por parte dos missionários, tal como a participação dos nativos no sacerdócio. Escreveu a obra *Catechismus Christianae Fidei* e é considerado por Campbell como “o maior homem das missões (jesuítas) no Oriente depois de Francisco Xavier”.

Por causa disso, o governo japonês começou a contratar espíões, que recebiam uma recompensa, dependendo da hierarquia do denunciado. Ou seja, a recompensava variava consoante o denunciado fosse um padre, irmão ou um *dojuku*<sup>11</sup>:

**Tabela 1: Recompensas oferecidas pelos religiosos católicos (a partir de 1625)** (Sá 2014: 258)

<b>Categoria</b>	<b>Recompensa máxima</b>	<b>Recompensa mínima</b>
<b>Padre</b>	500 peças de prata	200 peças de prata
<b>Irmão</b>	300 peças de prata	100 peças de prata
<b>Dojuku</b>	100 peças de prata	50 de prata

As medidas tomadas contra os padres e os portugueses ficaram cada ano mais rígidas e nas duas décadas seguintes, a perseguição foi-se tornando mais violenta, havendo uma série de execuções e martírios. Em 1623 os europeus receberam uma ordem de expulsão definitiva do país e as trocas comerciais ficaram nas mãos dos holandeses. O Japão voltou a fechar-se novamente.

O derradeiro ano foi o de 1637 (Marques 2017: 10):

Foi no ano de 1637 que se deu a quebra definitiva da relação dos portugueses com o Japão, com a revolta de Shimabara. Tratava-se, numa primeira instância, de uma rebelião de populares contra o aumento dos impostos. Contudo, entre os revoltosos estavam também muitos cristãos contestando a perseguição de que eram algo, facto que o governo usou a seu favor, dizendo que tinham sido estes a instigar a sublevação. Os holandeses prestaram auxílio militar durante este confronto, que terminou em Março do ano seguinte com a chacina dos 37 mil rebeldes que haviam sobrevivido até então.

Acaba, assim, o Século *Nanban* ou o Século Cristão, que parecia tão promissor no início. Promissor pelo facto de os jesuítas terem o apoio do líder máximo da nação,

---

<sup>11</sup> Inicialmente utilizado pelos budistas e posteriormente pelos cristãos, o termo refere-se àqueles que recentemente se converteram. No era do cristianismo referia-se aos irmãos nativos.

permitindo aos portugueses uma liberdade de circulação e comércio que favoreceu a sua imagem junto dos japoneses e a conversão voluntária ao cristianismo.

## **1.5. As relações luso-nipónicas e a herança deixada pelos portugueses no Japão**

Com o término da Era Tokugawa, no século XIX, inicia-se a Era Meiji, época em que o Japão volta a abrir-se novamente ao exterior. Tal momento aconteceu quando o Comodoro americano Matthew Perry forçou a queda do antigo regime e abriu o caminho para a restauração Meiji. Foi nesta altura que Portugal e Japão assinaram um tratado de amizade e comércio a 12 de julho de 1860, que permitiu a presença de um cônsul português em Kanagawa.

Apesar de no início estar limitado apenas ao corpo consular e alguns imigrantes, com a chegada do professor e historiador João Abranches Pinto ao Japão, em 1918, abre-se o primeiro curso universitário de língua e cultura portuguesa na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio, e assiste-se à ida de vários escritores portugueses, como Wenceslau de Moraes, que começaram a escrever sobre o Japão.

Para além dos cursos sobre a cultura e língua portuguesa que começaram a abrir nas universidades japonesas, como a Universidade de Estudos Estrangeiros, também noutras universidades (a Universidade Sophia de Tóquio, a Universidade de Osaka, a Universidade de Tenri e a Universidade Kanda de Estudos Internacionais) começaram a serem traduzidas para o japonês obras literárias de autores portugueses, como José Saramago, Luís de Camões, Fernando Pessoa, Eça de Queirós, Fernando Namora, Gil Vicente, Pero Vaz de Caminha, Wenceslau de Moraes, entre outros.

Um outro momento que também contribuiu para a retoma do contacto luso-nipónico teve início da década de 80 do século XX, quando começou a notar-se uma forte presença de imigrantes brasileiros que optaram pelo Japão, devido às sucessivas crises económicas no seu país.

Desde a abertura do Japão até aos dias de hoje, a amizade e cooperação entre os dois países tem vindo a aumentar. Atualmente, ambos os países possuem conexões não só políticas e económicas, mas também a nível do ensino, havendo bolsas de estudo para universitários, escolas de ensino das respetivas línguas, para além da realização de eventos científicos, que acabam por consolidar as relações entre Portugal e o Japão.

Por esse mesmo motivo, não é de espantar que os portugueses, depois de permanecerem no Japão durante várias décadas, acabassem por influenciar o povo japonês,

desde a pintura até à astronomia. Estas influências permanecem na cultura japonesa até aos dias de hoje; algumas, como as registadas na medicina oriental, língua e astronomia, são hoje estudadas nas universidades japonesas.

A primeira vez que os japoneses viram uma arma de fogo foi quando os portugueses embarcaram em Tanegashima. Desde logo, os japoneses aprenderam a fabricar tais armas e a usá-las nas guerras. Admiravam também as embarcações portuguesas, que representavam um avanço técnico na construção naval e, da mesma forma, o povo nipónico começou a aprender a construir os navios parecidos aos do povo europeu. Nas ciências náuticas, aprendeu as tábuas de longitude e latitude, o mapa de declinação, a técnica para ler a bússola, o uso da sonda e os métodos para calcular a latitude pela altura do sol. Como tal, a astronomia teve grande êxito. Aprenderam os métodos para medir a altitude do Sol e da constelação do hemisfério sul, a Crux. Descobriram como medir o tempo pela Ursa Maior e a teoria da esfericidade da Terra. Foi, igualmente, graças aos portugueses que o território japonês apareceu num mapa.

A tipografia igualmente foi desenvolvida pelos lusitanos. Na arquitetura, a influência é visível na construção de escolas, como as de Arima, Azuchi, Funai e Usukine, tal como castelos feudais. A introdução da música gregoriana e de instrumentos como o órgão, o violino e a harpa, foram apresentados por intermédio dos *nanbanjin*.

Deste modo, e devido ao extenso contacto em tantas áreas diversificadas do conhecimento, desde a culinária até à litúrgica, não é de espantar que muitas palavras portuguesas fossem implementadas e adaptadas no léxico dos japoneses. Apesar de atualmente apenas algumas centenas continuarem em uso, a verdade é que tais palavras são termos do dia a dia, utilizados correntemente. Isto, na realidade, só demonstra que apesar do pouco tempo que os missionários estiveram no território do país do Sol Nascente, a influência que tiveram foi impactante e conserva-se até aos dias de hoje.

## 2. As influências linguísticas

### 2.1. Como funciona o japonês

O japonês é uma língua do Leste Asiático falada por 128 milhões de habitantes, estando no 13º lugar das línguas mais faladas do mundo. É uma língua aglutinante com a sua formação lexical feita a partir da união de morfemas. Para além disso, a língua japonesa usa moras (longas ou curtas), que nem sempre correspondem às sílabas das línguas ocidentais. A estrutura moraica apresenta sílabas que podem ser constituídas por uma vogal (*a, e, i*), consoante + vogal (*ka, sa, ta*), consoante + semivogal + vogal (*kya, gya, jya*), ou *-n* em final de sílaba.

A língua japonesa tem a particularidade de possuir três sistemas de escrita, ou alfabetos, que podem ser usados na mesma frase:

- 1) *Hiragana*, sistema de escrita em que cada símbolo representa um som e é usado principalmente para conjugar verbos, para partículas, adjetivos, sufixos de tratamento e palavras japonesas. É o primeiro alfabeto japonês a aprender-se e serve como base.
- 2) *Katakana*, utilizado para palavras de origem estrangeira, como nome de países, nome de pessoas estrangeiras, onomatopeias, nomes científicos, entre outros. Este alfabeto também é utilizado de maneira análoga para dar ênfase ou chamar a atenção para certas palavras em certos contextos em específico.
- 3) *Kanji*, de influência chinesa; ao contrário dos dois alfabetos anteriores, cada *kanji* representa uma ideia, ou seja, cada símbolo tem um significado. São chamados de ideogramas e foram adotados da China entre os séculos IV e V. O Japão possui uma lista oficial com cerca de dois mil ideogramas de uso comum, promulgada pelo Ministério da Educação em 2010. É o último alfabeto a ser aprendido, devido ao seu grau de dificuldade.

Tal como mencionado anteriormente, é comum misturar os três sistemas, assim como usar-se o sistema de romanização, sobretudo na comunicação para estrangeiros<sup>12</sup>. Esta romanização serve para os não nativos terem uma maior facilidade de entendimento da língua, sendo que é uma maneira de lerem exatamente como uma palavra é escrita e conseguindo, assim, reproduzi-la oralmente na perfeição. Por exemplo, na gramática de João

---

<sup>12</sup> Veja-se uma descrição sucinta de Dalgado (1913: LXIX): “Na escrita empregam-se geralmente caracteres ideográficos chineses em número de três mil. O alfabeto propriamente japonês é silábico, constando de 47 sílabas, e chama-se *kana*, de que há duas variedades: *katakana* e *hiragana*. O japonês escreve-se em colunas verticais da direita para a esquerda. A sua literatura conta doze séculos de existência”.

Rodrigues, o mesmo acaba por romanizar várias frases japoneses para facilitar a aprendizagem dos jesuítas.

### 2.1.1. *Gairaigos* ou empréstimos

O léxico de qualquer língua constitui um sistema aberto a novas palavras, fruto de influências interlinguísticas e da necessidade de designar realidades até então desconhecidas. Estas novas palavras são criações neológicas, que podem ser de tipo formal, semântico e pragmático, sendo que, no caso, interessam as palavras ou novidades formais que resultam de fenómenos de importação de palavras estrangeiras (Correia e Lemos 2005: 17-18). Como afirmam estas mesmas autoras (Correia e Lemos 2005: 53), o “movimento de palavras de umas línguas para outras é um fenómeno tão natural como a própria existência de línguas diferentes”.

No entanto, quando se fala de importação ou empréstimos lexicais, é importante distinguir este mesmo conceito de empréstimo do de estrangeirismo. Estrangeirismos são palavras importadas de outras línguas que não sofreram “quaisquer adaptações à língua de chegada”, como *software* ou *heavy metal* (Correia e Lemos 2005: 54, 86), usadas para suprir lacunas semânticas. Como referia Wenceslau de Moraes (1904: 370), “termos [que] necessariamente se impunham aos japonezes para designarem muitos objectos europeus que elles viam pela primeira vez nas mãos dos nossos missionários e mercadores”. Por vezes, sendo algo que acontece bastante no japonês, acabam por se adaptar ao sistema ortográfico e fonológico da língua de acolhimento, passando assim a empréstimos linguísticos ou, “na tradição gramatical portuguesa, palavra importada que sofreu adaptações à língua portuguesa”, como *dopagem* ou *hambúguer* (Correia e Lemos 2005: 85)<sup>13</sup>

Portanto, os empréstimos “(...) se dão por necessidade ‘propriamente dita’ (entendida como o preenchimento de lacunas lexicais), como nomes de lugares e pessoas, de produtos importados, e de conceitos importados de natureza técnica, científica, religiosa, política; e outras em que a motivação seria o prestígio da outra cultura (o que, hoje, certamente interpretaríamos como decorrentes também de necessidades – identitárias, por exemplo)” (Faraco 2001: 135). Ou seja, os empréstimos acontecem pela necessidade de incluir novos termos no vocabulário para, assim, haver uma maior interação e entendimento entre falantes com experiências e vivências diferentes.

---

<sup>13</sup> Note-se, a este respeito, o que afirma Wenceslau de Moraes (1904: 369): “(...) claro está que taes termos soffreram modificações varias, derivadas principalmente da accommodação que se lhes deu ao syllabario indigena, não muito rico em tonalidade”.

O termo japonês *gairaigo* refere-se exatamente a isso, ao fenómeno linguístico que reconhece estas trocas lexicais entre as línguas. A própria palavra é formada por três ideogramas que demonstram tal: *palavra*, *vir* e *fora*. Significa, então, palavras que vieram de fora, incluindo tanto os empréstimos como os estrangeirismos:

The use of borrowed words does not imply a deficiency in the phonological system or in the syntax of the language that does the borrowing, so we can expect that the words borrowed from a language with a different phonology and syntax will be changed to fit the requirements of the language. And, indeed, this is what happens in Japanese (Otake 2008: 2).

Este fenómeno lexical e linguístico não modifica, no entanto, o valor da língua, neste caso, a japonesa. Ao contrário do chinês e até mesmo do português, que são línguas mais conservadoras e não tão abertas a modificações, o mesmo não acontece com a língua japonesa. É, igualmente, devido a isso que o japonês tem três alfabetos e um com o uso exclusivo para palavras estrangeiras: é uma língua recetora e aberta, mas que tenta sempre respeitar a sua estrutura linguística.

## 2.2. A influência da língua portuguesa na língua japonesa

A difusão da língua portuguesa pelo Japão e pelas restantes zonas da Ásia, África e América, acompanha o movimento da expansão ultramarina portuguesa. Aliás, uma das razões que levaram os portugueses a partirem para diversos cantos do mundo foi, para além dos motivos políticos e económicos, a difusão do latim e o aprendizado das línguas nativas, segundo Fonseca (2006: 30):

In parallel with this precept of the Portuguese language, fed by the hegemony of Latin and by European pro-vernacularism, a second front existed in the overseas policy of Portugal: the learning of the languages of discovered lands. Firstly, it was an attempt to apostolise the mother tongue, and later, once gone the psychological era of the Crusades, it was a valued activity *per se*, within the scope of the Jesuit and Franciscan missionaries' activities.

Ou seja, um dos aspetos da missão e dos Descobrimentos, e em especial dos missionários jesuítas, foi o da aprendizagem das línguas dos povos encontrados e o ensino do português a estes novos povos. No caso do português no Japão, é interessante distinguir os dois grupos de *gairaigos*: os termos religiosos, relacionados, então, com a atividade missionária dos jesuítas; e as palavras quotidianas e da área da cultura material, que sobreviveram até hoje. Apesar de os dois tipos serem de extrema importância, até porque foram eles os responsáveis pela introdução de palavras portuguesas no vocabulário japonês, é importante explicar cada um e tentar perceber como conseguiram influenciar, então, a língua japonesa.

No caso dos termos religiosos, não é complicado perceber-se como tal se deu. Desde a chegada dos missionários no Japão que os jesuítas tentaram traduzir a Escritura para dar aos novos fiéis, começaram a compilar vários livros e dicionários como, por exemplo, os já referidos *Dictionarium Latino Lusitanicum, ac Iaponicum* (1595), o *Vocabulario da Língua de Iapam* (1603-1604) e a *Arte da Língua de Japão* (1604-08), do Padre João Rodrigues.

Todas estas gramáticas e dicionários têm um valor inestimável nos vários campos dos estudos da língua japonesa, visto que as primeiras representações fonéticas da língua japonesa numa língua ocidental apareceram nestes dicionários e gramáticas escritas e compiladas pelos missionários jesuítas. Por exemplo, na questão da tradução da Escritura, “esta foi uma das questões mais difíceis, e os principais conceitos teológicos não foram

traduzidos, pois deu-se apenas a japonização das palavras portuguesas ou latinas, como Deus para *deusu*. Sabemos, contudo, que na tradução da Bíblia, o centurião passou a samurai e o vinho das bodas de Canã a *sake*” (Costa 1998: 133).

Importa salientar, para além disso, que foram os portugueses que criaram o *rōmanji*, o sistema de transcrição das palavras japonesas pelos caracteres ocidentais, algo que acontece até aos dias de hoje. É verdade que depois do rompimento das relações e a perseguição ao Cristianismo que se deu, uma grande parte das palavras introduzidas pelos portugueses na área litúrgica acabou por cair em desuso, mas, no entanto, a língua japonesa apropriou-se de mais de 1000 palavras, para além das 4000 que foram atestadas no dialeto de Nagasaki<sup>14</sup> (Costa 1998: 155).

Para além de os jesuítas tentarem traduzir os livros sagrados e de criarem dicionários para uma melhor compreensão do japonês, também aproveitavam as cartas enviadas para a Europa para comunicarem as diferenças entre a língua sagrada e o japonês, e para descrições detalhadas da língua, como fez o Padre Lourenço Mexia, em 1584:

A lingoa he a mais grave, e copiosa que creio ha, porque em muitas cousas excede a grega, e latina, tem infinidade de vocabulos, e modos pera declarar a mesma cousa, e tem tanto que fazer em que se aprender, que não somente os nossos que ha mais de vinte anos que la andão, mas os naturaes aprendem cousas novas. Tem outra cousa (que creio que se não acha em nenhuma lingoa) que se aprende a Reithorica e boa criação cõ ella. Não pode ninguem saber Japão que não saiba logo como ha de falar aos grandes, e aos pequenos, altos e baixos e o decoro que se ha de guardar com todos, e tem particulares verbos e nomes e modos de falar pera huns, e outros. Ja os nossos têm feito arte da Gramática e Calepino, ou Vocabulário, e começarão o Nisolio, ou tesouro. A lingoagem da escritura he mui diferente da pratica e assi huma, como a outra he mui varia, e abundantemente e cõ ser tão abundante em poucas

---

<sup>14</sup> Nagasaki nunca teve muita importância histórica até à chegada da embarcação portuguesa ao território, em 1543. Quando os portugueses embarcaram no Japão, em Tanegashima, e se aperceberam que poderiam utilizar o país para as trocas comerciais, começaram a procurar portos para atrancarem, visto que o porto marítimo de Kyushu não era adequado para abrigar navios estrangeiros, o que trouxe um grave problema para os portugueses e para os lordes feudais. Foi em 1569 que Ōmura, *daimyō* da região e amigo de missionários na zona, garantiu a permissão de estabelecerem um porto com o propósito de abrigar as embarcações portuguesas até 1571, Nagasaki. Nagasaki não foi utilizada apenas como porto, mas também como centro de evangelização, com escolas e igrejas criadas pelos jesuítas, sendo, então, a “casa” dos missionários portugueses. Por esse mesmo motivo, a cidade foi responsável pela introdução de bastantes palavras da língua portuguesa (acredita-se que cerca de 4000) no seu dialeto. Mesmo após a expulsão dos jesuítas e, dando um salto no tempo, das bombas nucleares na Segunda Guerra Mundial, Nagasaki continuou a demonstrar as fortes influências que os portugueses tiveram no território, mantendo a associação “Academia para conhecer Portugal”, tal como monumentos e uma réplica de uma nau portuguesa num parque infantil em Minamishimabara.

palavras cõprendem muito. A letra he cousa infinita, nem se acha pessoa que a saiba toda, porque tem duas maneiras de A b c, e cada hum de mais de corenta letras, e cada letra tem muitas figuras: e alem disto tem letra de figuras como os Chins, que he cousa que nunca se acaba de aprender. E afora estas figuras tem outras proprias pera as mesmas cousas. Tem no escrever muito engenho, e artificio porque o que não se pode explicar na lingoa se declara na letra (CE,1993: II, f., 123r).

A aprendizagem do japonês e a compreensão da língua é de especial importância para converter os japoneses ao cristianismo e aproximar estes recém fiéis dos jesuítas, formando um relacionamento pastor-fiel. Ao mesmo tempo que os jesuítas aprendiam o japonês para os ofícios religiosos, os recém-formados jesuítas japoneses também aprendiam o latim para, assim, exercerem as suas funções.

Ao contrário do que aconteceu no Brasil ou nos países africanos, a Igreja, apesar de receosa no início, aceitou a admissão dos indígenas na ordem religiosa e o seu trabalho no Padroado Português do Oriente. Numa carta datada de 6 de novembro de 1564, o rei D. Sebastião pedia que fossem enviados bispos para a China e Japão a fim de promoverem a clerezia nativa:

Alem da doutrina e ministério dos sacramentos que os ditos padres podem ministrar há hy necessidade de haver quem os possa confirmar, erigir igrejas e dedicá-las e ordenas sacerdotes aqueles cristãos naturais da terra que pera isso tiveram idoneidade e suficiência, o que os ditos padres não poderão fazer, não havendo entre eles alguns bispos ordenados e instituidos por Sua Santidade (*apud* Costa 1998: 140).

Exatamente por causa disso, uma grande parte dos irmãos japoneses tinha começado a sua aproximação à cultura europeia pelo estudo do latim, a língua utilizada pelos jesuítas no país:

A 23 de Novembro de 1595, Valignano afirmava que 30 dos 70 irmãos já dominavam a língua de Cícero, mas este conhecimento era apenas útil para poderem participar activamente nas cerimónias litúrgicas, ou celebrá-las; podia servir nalguns casos para comunicar, no caso de irmãos que não dominassem o português, mas tratava-se duma língua completamente desconhecida pelo

povo, pelo que não podia ser usada no relacionamento quotidiano com os fiéis nem na pregação ou em sermões (Costa 1998: 490).

Apesar de apenas os irmãos saberem por completo a língua litúrgica, a verdade é que vários termos religiosos passaram para o vocabulário do quotidiano japonês. Estes termos conseguiram passar para a língua atual devido, provavelmente, às missas dadas pelos jesuítas em latim. Os fiéis ao ouvirem tais termos, e depois de reconhecerem o seu significado, começaram a repeti-los e a introduzi-los nas conversações com os amigos e familiares. Esse acontecimento fez com que certas palavras começassem a ser ditas duma maneira “japonizada”, que é a pronúncia destas mesmas palavras atualmente.

Segundo Fonseca (2006: 39-49), em relação à aprendizagem das línguas “exóticas” e do português no século XVII,

Instead of their destruction, through the militancy of Portuguese, one can notice an equal defence of the grammatical pedagogy of the Portuguese vernacular and the languages of the discovered lands. This would be achieved through an alleged comparative study, with Portuguese and Latin as its languages of confrontation. In this manner, “reducing the barbarian tongues to a grammatical method” was a linguistic way of life for the writers of that century, especially the Jesuits, in their production of a grammaticography and lexicography of non-European languages.

A partir do século XVII, os missionários notaram que aprenderem a língua do país em questão ajudaria na evangelização. Ao mesmo tempo, além de aprenderem, neste caso, o japonês, também ensinavam o latim e o português, pois outros *gairaigos* do quotidiano (e não apenas os religiosos), deveram-se às trocas comerciais realizadas entre os dois países. Inclusive, a língua portuguesa chegou a ser a língua franca no comércio e diplomacia na região asiática, sobretudo para a comunicação com as restantes potências europeias.

[...] along the Sea-coasts, the *Portugueze* have left a Vestige of their Language, tho' much corrupted, yet it is the Language that most *Europeans* learn first, to qualify them for a general Converse with one another, as well as with the different Inhabitants of *India* (Hamilton *apud* Cardoso 2016: 71).

Charles R. Boxer (*apud* Pelliccia 2017: 649) refere-se explicitamente ao português como língua-franca:

É bem conhecido que nessa altura o português era a língua-franca comercial no Extremo Oriente, ocupando o lugar que o inglês e o malaio ocupam, hoje em dia nessa região. Por isso no princípio de século dezasete, todos os navios holandeses e ingleses que partiam da Europa para o Oriente levavam a bordo um português professor da língua e o conhecimento desta era em pré-requisito para qualquer comerciante que fosse para aquelas paragens. Os primeiros holandeses e ingleses que chegaram ao Japão faziam o seu negócio com os japoneses, em português, e esta língua só foi substituída pelo holandês algum tempo depois dos holandeses terem sido deslocados de Hirado para Deshima em 1641.

No entanto, é significativo mencionar que as difusões linguísticas a nível das relações das trocas comerciais não foram sempre feitas por nativos do português. Na realidade, no seu período inicial, tais comunicações eram feitas com a participação de pessoas de várias proveniências, desde italianos, franceses, até mesmo os asiáticos que foram necessários para mão de obra, para além de africanos transportados como escravos. Segundo o mesmo autor acima citado (Cardoso, 2016: 70):

Em resultado da dominação política, conversão religiosa e/ou processos de mestiçagem, desenvolveram-se no meio deste cadinho linguística, logo desde o século XVI, comunidade que Baxter (1996, 300) descreve como “Portuguese cultural orientation”, para quem a língua portuguesa (ou variedades relacionadas, ver abaixo) se tornou língua de utilização diária. A partir deste momento, a difusão da língua pela Ásia beneficiou ainda de certos fenómenos de migração que envolveram estas comunidades (...) Assim se explica a presença da língua portuguesa em certas zonas onde o envolvimento português foi mínimo ou nulo, [...].

O padre e filólogo goês Sebastião Rodolfo Dalgado (1855-1922) escreveu uma obra intitulada *Influências do vocabulário português em línguas asiáticas: abrangendo cerca de cinquenta idiomas*, que foi publicada em Coimbra em 1913. Esta obra é uma compilação de informação referente à derivação de étimos portugueses identificados em 52 línguas do continente asiático. Sobre a nossa língua, Dalgado (1913: LXIX) afirma que:

Portugal foi a primeira nação europeia que entrou em contacto com o Japão e manteve por longo período relações comerciais e missionárias. Deixou, como quási em toda a parte, vestígios

indelévels da sua língua na do país, na sua maioria devidos à introdução de novos objectivos e da nova religião. Alguns dos termos estão de tal modo naturalizados, que a sua origem estrangeira não é de fácil reconhecimento.

Apesar de ter havido atualizações sobre certas línguas específicas, e no japonês em específico, é interessante saber um pouco mais sobre estes empréstimos lexicais. Segundo Dalgado (1913: 225), o japonês tinha 93 empréstimos portugueses identificados (dos quais 12 admite serem duvidosos), entre os quais: *abóbora*, *anjo*, *baptismo*, *biscoito*, *calção*, *câmara*, *carta*, *comprador*, *escrivão*, *Padre*, *pistola*. No entanto, houve estudos posteriores que atualizaram estes dados, graças a novas informações etimológicas.

Concluindo, o português conseguiu penetrar na língua japonesa por duas vias: religiosa/missionária e por via comercial. Como é natural, as mais de 5000 palavras portuguesas apropriadas pelos nipónicos foram caindo em desuso ao longo dos tempos, até porque os japoneses começaram, posteriormente, a ter fortes influências dos ingleses. No entanto, apesar de atualmente haver apenas algumas dezenas de palavras no vocabulário japonês de origem portuguesa, todas essas palavras são do quotidiano e palavras usadas correntemente.

### 2.3. Palavras japonesas de origem portuguesa

Devido a este extenso contacto em tantas áreas do quotidiano, muitas palavras acabaram por serem adotadas no uso diário dos japoneses. Segundo Kiichi Matsuda, “How popular Portuguese customs became in Japan at the end of the 16<sup>th</sup> century may be seen by the number of words that entered the Japanese language, and of which some are still in use that” (*apud* Gil 2015: 12).

No quadro abaixo, apresentam-se algumas das palavras de origem portuguesa que fizeram parte do vocabulário japonês. Alguns destes termos continuam a pertencer ao quotidiano japonês. Como se pode verificar, uma grande parte deste vocabulário é constituído por termos de origem cristã, tendo em segundo lugar termos alimentícios e tecidos que eram usados nas trocas comerciais (Siqueira 2014: 22-23).

**Tabela 2: Palavras japonesas de origem portuguesa**

<b>Pronúncia em Japonês</b>	<b>Escrita em Japonês</b>	<b>Português Arcaico</b>	<b>Português Moderno</b>
<i>arukōru</i>	アルコール	álcools	álcool
<i>bateren</i>	伴天連・破天連	padre	padre
<i>bīdama</i>	ビー玉	vi(dro) + 玉 (dama = bola)	berlinde
<i>biidoro</i>	ビードロ	vidro	vidro
<i>birōdo</i>	ビロード	veludo	veludo
<i>bouro/bouru</i>	ボーロ・ボール	bolo	bolo, bola
<i>botan</i>		botão	botão
<i>buranko</i>	ブランコ	balanço	balanço, baloço
<i>chokki</i>	チョッキ	jaque	jaqueta
<i>furasko</i>	フラスコ	frasco	frasco
<i>iesu</i>	イエス	Jesu	Jesus

<b><i>igerisu</i></b>	イギリス・英吉利	inglês	inglês
<b><i>iruman</i></b>	イルマン・入満・伊留満・由婁漫	irmão	irmão
<b><i>jouro</i></b>	じょうろ・如雨露	jarro	jarro
<b><i>juban/jiban</i></b>	じゅばん・襦袢	gibão	camisola
<b><i>kantera/kandeya</i></b>		candeia, candela	candeia (vela no português atual)
<b><i>kapitan</i></b>	甲比丹・甲必丹	capitão	capitão
<b><i>kappa</i></b>	合羽	capa	capa impermeável
<b><i>karuta</i></b>	かるた・歌留多・加留多・骨牌	cartas	cartas de jogo
<b><i>kasutera, kasuteera, kasuteira</i></b>	カステラ	castella	pão-de-ló
<b><i>kirishitan</i></b>	キリシタン・切支丹・吉利支丹	christão	cristão
<b><i>kirisuto</i></b>	キリスト	Christo	Cristo
<b><i>kompeitō</i></b>	金米糖・金平糖・金餅糖	confeito	confete
<b><i>koppu</i></b>	コップ	copo	copo
<b><i>kurusu</i></b>	クルス	cruz	cruz
<b><i>meriyasu</i></b>	メリヤス・莫大小・目利安	meias	meias
<b><i>oranda</i></b>	オランダ・和蘭(陀)・阿蘭陀	Hollanda	Holanda
<b><i>pan</i></b>	パン・麵麩・麩包	pão	pão
<b><i>rozario</i></b>	ロザリオ	rosario	Rosário
<b><i>shabon</i></b>	シャボン	sabão	sabão
<b><i>shōro</i></b>	ショーロ	choro	choro
<b><i>subeta</i></b>	すべた・スベタ	espada	espada
<b><i>tabako</i></b>	煙草・蓆	tabacco	tabaco
<b><i>tempura</i></b>	天麩羅・天婦羅	têmporas	

## **2.4. O português no Japão da atualidade**

Apesar de os portugueses terem permanecido no Japão cerca de dois séculos, o primeiro curso universitário de língua e cultura portuguesa só foi aberto com a chegada do historiador e professor João Abranches Pinto ao Japão. No entanto, isso foi apenas o início!

Em 1948 é fundada a Universidade de Estudos Estrangeiros em Quioto, na qual o Departamento de Estudos Luso-Brasileiros foi estabelecida em 1968. A Universidade Sophia de Tóquio abre a sua pós-graduação em língua e cultura portuguesa em 1964. Para além destas universidades, atualmente há mais três universidades com departamentos de estudos luso-brasileiros ou lecionação do português, sendo estas a Universidade de Osaka, a Universidade de Tenri e a Universidade Kanda de Estudos Internacionais. Há ainda mais seis universidades japonesas que possuem a língua portuguesa como disciplina opcional: a Universidade Industrial de Quioto, Universidade Musashino, a Universidade Rikkyo, a Universidade Ryutsu Keizai, a Universidade Takushoku e a Universidade de Artes e Culturas da Província de Oita.

Apesar de existirem trinta e uma universidades japonesas com o português como L2 ou língua opcional, ainda existe uma grande problemática com o ensino, visto que na sua maioria os professores japoneses não são especializados no ensino do português como língua estrangeira:

Segundo os dados do IPOR, em 2011, havia cerca de cinquenta e dois professores de nacionalidade japonesa, dezanove de nacionalidade brasileira e três de nacionalidade portuguesa (Gil 2015: 29).

Não obstante, existe uma divisão de papéis entre os professores japoneses e os professores nativos, já que estes trabalham o aspeto prático da língua enquanto o professor japonês trabalha com a parte teórica, ou seja, com a gramática e/ou a tradução. Para além da maior parte dos professores serem de origem japonesa, temos ainda o facto de que o PB é a variante ensinada nas universidades japonesas, já que é considerada mais fácil de se aprender e também, como vimos anteriormente, devido ao facto de existir uma grande comunidade brasileira no Japão.

Para além disso, as diferenças entre o japonês e a língua portuguesa são grandes. Os alunos acabam por ter uma grande dificuldade com a pronúncia, a acentuação tónica, a morfologia e a semântica. Devido a isso, em 2003 criou-se um projeto financiado pelo

Ministério da Educação japonês que visou a utilização de tecnologias no ensino das línguas estrangeiras. Foi criada na Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto (UEEQ), e a metodologia *CALL* (*Computer Assisted Language Learning*) para o ensino de línguas estrangeira.

Este programa tem em vista ajudar os alunos japoneses com a pronúncia das palavras e a articulação dos sons, tendo em vista o ensino contrastivo entre o Português Europeu (PE) e o Português Brasileiro (PB). O “Portufone” tem 23 lições complementando com 10 exercícios relativos às lições.

Tal como mencionado na introdução, ambos os governos possibilitam o intercâmbio de estudantes, além de promoverem relações culturais e linguísticas. Apesar da dificuldade que ainda existe, desde a distância geográfica até aos problemas financeiros, é de louvar o facto de em 2014 o Japão ter entrado na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) como Observador, o que acaba por demonstrar que a amizade que estes dois países possuem continua a perdurar.

Os portugueses não navegaram ou permaneceram somente no Japão, mas chegaram a outros países como, e notavelmente, a China. No entanto, o ensino da língua portuguesa na China difere bastante devido à particularidade já mencionada nesta secção: o ensino do português está bastante condicionado aos nipo-brasileiros.

Para além disso, a língua está diretamente ligada à cultura de um país. É por esse mesmo motivo que algumas línguas possuem certas palavras intraduzíveis, pois fazem parte da tradição e cultura de um povo. No entanto, o povo japonês não conhece muito da tradição portuguesa, tirando, provavelmente, o Cristiano Ronaldo, Fado, pastéis de nata e vinho, ao contrário do conhecimento que eles têm da cultura brasileira. Por esse mesmo motivo, a problemática do aprendizado da língua portuguesa vai mais além da questão fonológica, morfológica e de sintaxe, mas atinge também aspetos culturais.

Apesar das dificuldades, é importante que os portugueses consigam transmitir o português europeu de forma cativante e inovadora, visto que fonologicamente e morfológicamente o português da variante brasileira é mais fácil de ser aprendido. É importante incentivar as trocas culturais e mostrar a cultura portuguesa aos jovens japoneses para, assim, os incentivar e cativar para a aprendizagem do português em geral, mas principalmente o português de Portugal.

Este incentivo também deve ser feito aos professores de ensino portugueses, de maneira que consigam lecionar a nossa língua nas universidades e academias japonesas, fazendo parte do corpo docente. É importante dar as ferramentas certas, não só aos alunos, mas principalmente aos professores, que acabam por utilizar as escassas ferramentas que

possuem. Este apoio tem que vir do governo português, do governo japonês, através do Instituto Camões e da Embaixada de Portugal no Japão. Apesar de dispendioso no início, irá trazer benefícios no futuro, desde vantagens culturais, económicas, educacionais, entre outras.

A situação está a melhorar com o tempo, graças à globalização, às redes sociais e ao visível interesse por parte das duas comunidades, que estão a aperceber-se cada vez mais da importância do aprendizado, não só do português, mas também do japonês. Estamos confiantes que o ensino da língua portuguesa neste país para além do mar irá avançar, melhorar e adaptar-se, prevendo-se, então, um futuro promissor.

## Capítulo 2 - *As Cartas do Japão* de Wenceslau de Moraes

### 2.1. Vida e obra de Wenceslau de Moraes

Wenceslau José de Sousa Moraes, ou mais conhecido como Wenceslau de Moraes, nasceu a 30 de maio de 1854 em Lisboa e morreu em 1929 na cidade de Tokushima, Japão. Aliás, foi nesta cidade que acabou por isolar-se completamente do mundo, parando de trocar correspondência com os seus fiéis amigos e deixando para trás o amor que tinha por Portugal no seu passado.

Aos 17 anos de idade, e depois de decidir abandonar a sua formação académica e carreira na unidade de caçadores 5 legião do Exército Português, transferiu-se para a escola naval onde terminou a sua formação como marinheiro. Aos 22 anos, Wenceslau foi promovido como guarda-marinha indo, então, servir para África. Ana Elisa Eirinha Martins Coelho, na sua tese intitulada *Imagens do Oriente, em particular do Japão, na correspondência de Wenceslau de Moraes*, comenta que (2016: 28):

Outra razão que o levou a perseguir a carreira da marinha foi para fugir à realidade em que se encontrava a sua pátria. Os calores e direitos da sociedade liderada por um governo absolutista e corrupto, estavam em causa e isso criou em Wenceslau de Moraes, como em muito jovens, sentimentos contraditórios.

O idealismo e a revolta contra a situação atual de Portugal, criou, em Wenceslau de Moraes a ambição de conhecer outras nações (...).

Fazendo um breve contexto histórico para assim conseguirmos entender o sentimento de Moraes, em meados do século XIX, altura em que nasceu, Portugal estava fragilizado a nível do desenvolvimento económico, tecnológico, político e social. Enquanto a restante Europa passava por uma prosperidade e evolução tecnológica graças à Primeira Revolução Industrial, Portugal não conseguiu acompanhar essa tendência europeia. Aliás, no seu livro *Cartas do Japão*, Moraes faz imensas menções à degradação de Portugal como país que, anteriormente, percorria os mares à conquista e era conhecido pelo mundo como uma Nação. Portugal e o mundo recordam os heróis portugueses graças aos Descobrimentos e por

terem deixado pegadas nos territórios que conquistaram e que permaneceram, como a língua, cultura, religião, entre outros aspetos, mas que agora não passam de memórias e lembranças guardadas e arquivadas nos registos da Marinha.

Sendo assim, e com o pensamento de um fugitivo com vontade de conhecer e explorar o mundo, iniciou a sua primeira missão como Guarda da Marinha nos territórios africanos, onde permaneceu entre 1876 e 1887. Ainda durante a sua missão em África, deslocou-se entre Moçambique e Timor, tendo aqui sido promovido ao cargo de Capitão Coronel.

Em 1886, com 32 anos, foi novamente promovido a capitão-tenente e em 1888, dois anos mais tarde, parte para Macau onde permaneceu até 1889 com o cargo de Capitão do Porto de Macau. Para além deste cargo, exerceu a função de professor de Matemática Elementar no liceu de Macau. Foi, também, durante a sua permanência na cidade que conheceu o seu tão fiel amigo Camilo Pessanha, “com o qual partilhava o mesmo idealismo e revolta em relação à sua pátria, já que este escritor também trocou Portugal para habitar Macau até ao dia da sua morte” (Coelho 2016: 29).

Em 1889 casou-se com uma jovem anglo-chinesa com o nome de Vong Ioc Chan, mais conhecida por Atchan, e com a qual teve dois filhos, José de Sousa Moraes e João de Sousa Moraes. Foi igualmente nesse mesmo ano que Moraes visitou pela primeira vez o Japão, que tanto almejava conhecer e que tanto o encantou. Devido ao seu cargo oficial, separou-se da sua família, mas sempre assegurou as suas subsistências em Macau e a educação dos seus dois filhos. O contacto não cessou visto que temos a prova da correspondência entre Moraes e a sua família na obra de Danilo Barreiros *A Paixão Chinesa de Wenceslau de Moraes*.

Tal como mencionado no parágrafo anterior, em 1889 Wenceslau de Moraes teve o privilégio de visitar o Japão turisticamente, onde passou pelas cidades de Nagasáqui, Kobe e Tokohama. Foi desde o primeiro contacto que Moraes ficou encantado e enamorado pelo país do Sol Nascente, mencionando essa sua nova paixão numa carta dirigida à sua irmã Emília. Ficou apaixonado pela natureza, pela língua, a simplicidade do povo japonês, as roupas leves e delicadas, pela arte.

Em 1898, Wenceslau decide ir viver definitivamente para o Japão, tendo aí exercido as funções diplomáticas no país nipónico, primeiro como oficial da armada e posteriormente com o cargo de Cônsul da Embaixada Portuguesa no Japão. No ano seguinte, conhece a japonesa O-Yoné com a qual se casa a 13 de maio do mesmo ano. Os dois tiveram um caso de amor intenso, fazendo com que Moraes, anos mais tarde e depois da morte da sua esposa, escrevesse um livro dedicado a ela.

Graças ao seu cargo como Cônsul da Embaixada, e por agora estar mais envolvido na política, acaba por surgir uma maior frustração em relação à política portuguesa e ao estado do seu país de origem, chegando mesmo a fazer comparações com o Japão e o tipo de vida do país nipónico. No entanto, a sua imensa paixão pelos costumes e pela cultura japonesa só fez com que ficasse mais desgostoso com Portugal, criando um distanciamento entre si e o seu próprio país. O facto de ter encontrado a civilização “ideal” no Japão faz com que o seu único sentimento em relação à sua nação seja descontentamento. Sendo assim, acabou por entregar-se completamente ao Japão, cortando as suas relações com Portugal.

Com a morte de O-Yoné a 20 de agosto de 1912 e, posteriormente, da sobrinha da sua falecida mulher, com quem teve um estranho relacionamento, Wenceslau de Moraes decide isolar-se em Tokushima, em agosto de 1913, cidade na qual veio a falecer em 1929. Infelizmente, e tal como acontece com uma grande parte dos escritores e intelectuais portugueses, Wenceslau foi mais reconhecido no Japão do que em Portugal. A sua vida e obra foram motivos de produções cinematográficas entre várias outras produções artísticas. Não obstante, no Japão conseguimos encontrar vários monumentos em Kobe e Tokushima em sua homenagem, para além de um museu dedicado ao escritor em Tokushima.

Escreveu uma extensa obra toda ela voltada para os povo asiático e japoneses: *Traços do Extremo Oriente* (1895), *Dai-Nippon* (1897), *Cartas do Japão* (começaram a serem escritas em 1904), *O Culto do Chá* (1905), *Paisagens da China e do Japão* (1906), *O “Bon-Odori” em Tokushima* (1916), *Ko-Haru* (1917), *Fernão Mendes Pinto no Japão* (1920), *Ó-Yoné e Ko-Haru* (1923), *Relance da História do Japão* (1924), *Os Serões no Japão* (1926), *Relance da Alma Japonesa* (1928) e, por fim, *Osorachi* (1933).

Wenceslau de Moraes não foi o primeiro português ou europeu a pisar no Japão e a escrever sobre aquilo que via, sentia ou cheirava. Contudo, foi o primeiro ocidental que teve a coragem de despir as suas vestes de colonizador e ocidental para viver entre os orientais, numa tentativa de ser oriental. Infelizmente, acabou por morrer depressivo, com vários desamores e sozinho. A única coisa que levou consigo para o Além foi a inquietação de tentar encontrar a felicidade e harmonia, algo que nunca conseguiu, como confessa numa das suas obras (1983: 72):

“Todavia, eu nunca experimentei a sensação plena do gozo, o prazer que domina tudo, triunfante. Eu nunca, no Japão como em parte alguma, me senti plenamente feliz, sem dúvida por incompetência e incongruências de meus dotes afectivos: O enlevo das coisas acorda sempre no íntimo do me ser um sofrimento ignoto, a impressão de dor por uma catástrofe sofrida ou por sofrer, - sofrida, talvez numa

outra vida já vivida; por sofrer, talvez em dias futuros da minha vida actual, talvez numa outra vida que há-de vir; - ou terei eu o estranho dom de sofrer, por indução, a dor dos males que ferem os outros seres?

## **2.2. A importância do Japão na vida de Wenceslau de Moraes**

### 2.2.1. As primeiras impressões

Estou n'um país delicioso, o Japão. Era aqui, em Nagasáqui, que eu desejaria passar o resto da minha vida, à sombra d'estas árvores que não têm parceiras no Mundo. [...]. Deixo com saudade este torrão abençoado por Deus, cheio de paisagens adoráveis, cheio de flores, cheio de sorrisos; terra feita para a alma se recolher em doces pensamentos, e para o espírito cansado da vida poder ainda purificar-se e elevar à Providência um agradecimento (Moraes *apud* Coelho 2016: 42).

Esta é a primeira descrição que Wenceslau de Moraes faz do Japão numa carta íntima escrita para a sua irmã, Emília. Aliás, esta revelação e outras do mesmo teor estão disponíveis na sua obra *Traços do Extremo Oriente* (1895), em que dá a conhecer as razões que o levaram a querer mudar-se para o Japão, o motivo da sua paixão e afeição pelo país.

Tal como mencionado no capítulo anterior, Moraes decidiu fazer uma carreira na marinha devido à desilusão que sentia por Portugal e, como podemos perceber graças aos seus pensamentos escritos nas cartas que dirigia aos seus amigos e irmãs, o Dai-Nippon serviu como uma fuga da triste realidade que se vivia em Portugal, como um remendo de umas calças já rotas e sem uso, mas com a expectativa de melhora. Afinal, as *Cartas do Japão*, de que vamos falar em pormenor nos seguintes subcapítulos, foram exatamente isso: uma tentativa de abrir os olhos aos portugueses em relação ao Japão, não só para as trocas comerciais, mas também para a sua cultura, língua e história.

Como podemos perceber, o Japão foi o país que, provavelmente, teve mais estima de Moraes. Aliás, foi o seu fascínio pelo país que o levou a defender a importância de criar um consulado no Japão, demonstrando, assim, um interesse em ocupar esse cargo diplomático. Isso leva-nos a pensar apenas numa coisa: a paixão que Wenceslau de Moraes sentia por este país era demasiadamente forte, e intensa a ponto de deixar tudo para trás, como a sua esposa Atchan e os seus filhos, os seus amigos e irmãs em Portugal, tudo para viver um país que apesar de se estar a abrir na Era Meiji, ainda era demasiado fechado ao exterior.

A Era Meiji foi nada mais nada menos que o momento de abertura do Japão ao Ocidente, depois da expulsão dos estrangeiros no século XVI, como refere Ribeiro (2017: 121):

A era Meiji, conhecida no Ocidente como o momento no qual ocorreu a reabertura do país após mais de dois séculos de isolamento, é, sobretudo, uma fase de reestruturação profunda, na qual o país buscou modernizar-se tendo como modelo os países que ele identificava então como os mais desenvolvidos: Inglaterra, França e Estados Unidos.

A propósito disso, o orientalista comenta brevemente o facto de o país do Sol Nascente ainda não se ter ocidentalizado totalmente e por tentar conservar o seu mistério, mesmo após todas as difíceis tentativas de entrada dos ocidentais. Apesar de tentarem que o ocidente não dominasse a sua nação, houve certos aspetos que acabaram por influenciar no Japão e que perduram até aos dias de hoje. No seu livro *Relance da Alma Japoneza*, Moraes escreve (1928: 68-69):

Sob o especial ponto de vista em que estas minhas impressões vão sendo escriptas, o que, no momento presente, mais do que tudo impressiona o espirito é a estupenda maleabilidade dos japonezes em se adaptarem a coisas novas, diferentes, tam novas, tam diferentes, que correspondem nada menos do que á troca da sua civilisação de muitos seculos por uma outra civilisação inteiramente estranha em sua essencia. Já se vê, os japonezes ainda são japonezes, a grande maioria dos seus costumes, dos seus usos ainda é japoneza; mas o Japão, nas suas linhas geraes, passou a ser um Estado occidental, com a unica differença de ser, por imposições geographicas e outras, um Estado extremo-oriental.

Wenceslau de Moraes aplaude os japoneses pela fidelidade à sua cultura, mesmo depois de países ocidentais, como Inglaterra, Portugal e Estados Unidos tentarem modificar o país, ocidentalizando costumes, maneiras de vestir e de ser. Aplaudiv não trocarem o *kimono* por um fato, os *hashis* por faca e garfo, a esteira de palha por uma cama, entre outros aspetos, mesmo que agora o Dai-Nippon seja mais aberto aos ocidentais e aos seus costumes.

Para além do mais, Moraes louva o povo japonês por, mesmo tendo-se aberto ao ocidente contra a sua vontade, ter aproveitado todos os instrumentos que os países ocidentais lhe deram para, então, se emanciparem e crescerem como país e povo. Conseguimos ler essa sua ideia nas *Cartas do Japão I* (s.d.: 177):

A primeira causa reside na iniciática inteligente dos nipponicos e é determinada pelo seu incomparavel patriotismo, pelo seu grande orgulho e pelo afan do ganho. O Japão, aberto ha meio seculo á civilização occidental, precisando a principio de auxilio de estranhos em todos os ramos do progresso, vem maravilhosamente emancipando-se dos seus mestres, conselheiros, dirigentes.

Este pequeno excerto é uma pequena parcela dos elogios que Wenceslau de Moraes dirige aos japoneses pela sua índole, saudando o patriotismo que sentem pelo país e governadores, ao ponto de praticarem suicídio pelos mesmos, pela simplicidade das casas e das mulheres, que amam os maridos e morrem com e por eles se for necessário, pela dignidade das táticas de guerra (Moraes s.d., II: 195):

O jujutsu é uma arte japoneza, mas é, antes de tudo e principalmente, uma arte da natureza.

E notemos o seguinte facto característico: - enquanto que a brutalidade occidental inventa a espingarda, a pistola, o revólver, como instrumentos de ataque e de defeza, a graciosidade nipponica inventa o methodo de derrubar o inimigo a fazer-lhe cócegas, inutilisando-o depois com um belliscão; - artistas sempre, estes sujeitos, mesmo na sua crueldade!...

São estes costumes e hábitos dos japoneses que fazem o escritor tão apaixonado pelo Japão e decidido a permanecer no país nipónico, mesmo sendo tão diferente do seu país de origem. Não é só, e tal como já foi explicado anteriormente, a maneira como o povo japonês se veste ou os seus costumes, mas tudo em volta do mistério que o Japão tem ao seu redor como país asiático, nunca antes visto e pronto para ser descoberto, que faz com que Moraes fique, a cada dia que passa, mais encantado.

### 2.2.2. O afeto pelos japoneses e o ódio pelos ocidentais

Wenceslau nutre tanto patriotismo pelo país que não é seu, que chega mesmo a repreender os estrangeiros que vão para o país do Sol Nascente mas não vivem e não sentem como os japoneses e, devido a isso, acabam por odiar a “raça amarela”<sup>15</sup>:

O phenomeno explica-se por um sentimento de egoismo, de egotismo, inquestionavelmente natural e desculpavel, muito

---

<sup>15</sup> Em diversos excertos dos livros de Wenceslau de Moraes, ele trata o povo nipónico por raça amarela, contrapondo-o à raça branca, os ocidentais, e a raça negra, o povo africano.

humano e sobretudo muito occidental. O viajante, ao chegar ao Japão – como ao chegar a qualquer parte, - prescinde de si próprio, elimina-se da scena, para só vêr, para só sentir e para só porventura commentar e descrever os scenarios em roda, os aspectos do povo e os seus costumes. (...)

Após, porém, annos correndo, vivendo-se entre encantos, o comparsa do acaso, o forasteiro fortuito, mas que as circunstancias da existência detéem no exilio, não se contenta apenas com as delicias do que vê; quer participar n'ellas, quer também ser feliz (Moraes s.d, II: 34).

No entanto, mesmo os viajantes querendo ser felizes neste país depois de tantos anos a passearem, a verem, a sentirem a essência do povo nipónico, acabam por sentir-se estrangeiros, porque estão fora do seu país, longe das suas famílias, dos seus amigos e sem relações no Japão. E é aí que, então, a revolta e o ódio: eles acabam por perceber que, mesmo após anos, não são japoneses (Moraes s.d. II: 35):

Quando o forasteiro se lembra de querer um Japão para seu uso, é então que se ergue em frente d'elle uma barreira indestructivel – a distincção de raças (...).

Comparado com o japonéz, o homem branco tem um temperamento, uma constituição moral e physica, uma educação muito diferentes d'elle; não falla a sua lingua ou falla-a mal; não professa a mesma religião; não sente como elle; não pensa como elle; não goza como elle; não soffre como elle; não come como elle; não bebe como elle; não vive como elle; não morre como elle...

Wenceslau de Moraes foi para o Japão em 1898, aí permanecendo até ao dia da sua morte, em 1929. Sendo assim, o português viveu no país nipónico por 31 anos, levando uma vida normal, com o trabalho de cônsul, com uma esposa e amigos, sem nunca voltar a Portugal para visitar os seus amigos portugueses e irmãs, ou até mesmo mencionar que sentia saudades pelo seu país ou pela comida, cheiros e pessoas que passeiam na calçada de Lisboa.

Isso leva-nos a pensar e a tentar perceber como Moraes conseguiu estabelecer-se no país durante tanto tempo quando, nos excertos escritos acima, ele menciona que os viajantes vão para o Japão para depois odiar o povo nipónico. Obviamente, e como já foi exposto ao longo deste subcapítulo, Moraes era enamorado pelo Japão, pelas paisagens, pela língua, literatura, arte, comida, religião, a simplicidade do povo japonês. Contudo, após permanecer

no país por tantos anos, o encanto inicial acabaria por terminar, certo? A verdade é que Wenceslau explica o porquê de, mesmo após décadas no Japão, continuar a sentir-se enamorado pelo país.

Nas *Cartas do Japão III*, Moraes escreve um longo excerto a explicar e a expor o que o leva a simpatizar tanto com o povo japonês e que o faz permanecer no país (Moraes s.d.: 102):

Quando me ponho a pensar nas minhas sympathias intimas pelo povo japonez, innegaveis, que me trazem acorrentado a este paiz ha não sei quantos annos sucessivos, acontece algumas vezes que a mim mesmo formulo esta pergunta: - não correrá, no meu sangue de europeu, algum sangue asiatico, que explique, por affinidades naturaes, esta amoravel preferencia? (...)

As minhas sympathias por esta gente encontram, porém, uma facil explicação, sem ser preciso ir invocar outras. Eil-a: - na minha longa permanencia no Japão, tenho mantido estreitas relações de convivencia com o povo, o povo humilde e rude. (...)

Se quereis amar um paiz, passai, indifferente, diante da classe culta; passai, suspeito, diante da classe operaria; parai em frente do povo, entrai em convivio com elle, ide passar horas tranquillias no seu lar, no seu albergue sem conforto.

E eu tenho convivido com o povo japonez, durante longos annos.

O primeiro argumento para explicar esta afeição pelo Japão é a possibilidade de ter sangue asiático nas veias, apesar da sua fisionomia de homem branco, loiro e europeu. Sendo assim, o único motivo lógico é o facto de ele conviver, e gostar de conviver, com o povo japonês, não propriamente com a classe de elite ou operária, mas com o povo. Afinal, é este povo, trabalhador do campo e impossibilitado de comprar um *kimono* novo, que mais contacta e comunica com os estranhos, que ensina e produz a arte do país.

O português abdicou dos seus costumes europeus, do vestuário, passou a ter a religião dos japoneses, a dormir numa esteira de palha de arroz, a comer com *hashis* e arroz em todas as refeições e morreu como um português japonizado. Tudo isto porque, talvez, ele não admirasse tanto o país em si quanto o povo japonês, pela sua simplicidade e carinho para consigo. Nasceu e cresceu como um português, um homem de raça branca, mas morreu a tentar, embora sem êxito, fazer parte do povo japonês.

### **2.3. As Cartas do Japão: uma obra epistolar**

As obras de Wenceslau de Moraes, incluindo as *Cartas do Japão*, inserem-se dentro da literatura de viagens, visto que de um lado ele retrata a cultura japonesa, costumes, quotidiano, a arte, ao mesmo tempo que conta e explica ao leitor a história do país. Como afirma Capitão (2012: 29), esta obra caracteriza-se pelo realismo, naturalismo, impressionismo e orientalismo:

Wenceslau de Moraes é exemplo do ideário do exotismo finissecular oitocentista. A literatura e a cultura do século XIX caracterizam-se por um romantismo que apela constantemente ao longínquo Oriente. Ou seja, o orientalismo está presente nesta estrutura e nasce da ânsia de fuga ao velho racionalismo europeu, sempre na procura do exótico, não pelo seu carácter pitoresco, mas pelo sentido de viagem que encerra em si esta busca.

É importante mencionar que o elemento orientalista presente, não só nas *Cartas do Japão*, mas também em toda a restante obra, só começou a expandir-se com a Geração de 70 e com o fascínio pelo misticismo oriental. Obviamente, Wenceslau de Moraes seguiu essa corrente decadentista do século XIX, “que consistia em promover a educação, o ensino, literatura e a interpretação histórica junto do povo português, através de revistas, manifestos, conferências, entre outras atividades culturais” (Capitão, 2012: 30).

#### **2.3.1. Do que trata a obra**

Esta obra é um conjunto epistolar de textos que Wenceslau escreveu para a revista portuense *O Comércio do Porto*, entre 1904 e meados de 1913, onde descreve o dia a dia do povo japonês, dá a conhecer os seus costumes e os eventos históricos do país.

Moraes apresenta, nas cartas, a transição do Japão da Era Feudal para a Era Meiji e todo o processo de desenvolvimento a que os japoneses tiveram que se submeter: o relacionamento entre o Ocidente e o Oriente (principalmente entre Portugal-Japão e Japão-Estados Unidos); a Guerra entre a Rússia e o Japão; o Tratado Russo-Japonês; A Conferência da Haya; a invasão japonesa na Coreia; a evolução da China; o Acordo Américo-Japonês; os

desastres naturais no Japão; o assassinato do príncipe Ito; a viagem do *S. Gabriel* ao Japão; as trocas comerciais entre Portugal e Japão.

Seja dito de passagem que Moraes escolheu transmitir o que se passava no Japão, as suas inquietações e considerações no *O comércio do Porto*, pois acreditava que era o jornal que mais divulgava e difundia as notícias em relação ao Extremo Oriente, especificamente o Japão (Moraes 1904: 306):

O commercio do Porto é o jornal portuguez mais vulgarizador de cousas japonezas, ou antes o único vulgarizador de taes cousas; porque a verdade é esta: emquanto que na França e na Inglaterra, para não irmos mais longe, a imprensa e a litteratura tanto se vão occupando actualmente de assumptos do Japão, entre nós, que fomos os primeiros a visitar o Japão, e possuímos uma colonia visinha d'elle, guarda-se sobre taes assumptos o mais indifferente silencio. É o Commercio do Porto que chama frequentemente a attenção dos negociantes portuguezes para o commercio muito florescente d'este imperio. E'elle que publica, com benevolente regularidade, estas modestas cartas.

### 2.3.2. Importância histórica das cartas

A última parte do excerto acima é de extrema importância, pois o intuito das *Cartas do Japão* é, não só dar conhecer ao povo português a história do Japão e os seus costumes, mas principalmente promover uma abertura nas trocas comerciais entre estes dois países, para assim haver uma renegociação de novos tratados diplomáticos com o Japão, tendo em conta a história destes dois países. Estas cartas acabam por ter uma forte e importante base documental para as áreas de investigação, por abordarem em primeira mão aspetos e acontecimentos de extrema importância.

Wenceslau de Moraes tem a noção da importância das suas cartas (*apud* Coelho 2016: 34):

No decorrer d'estas singelas correspondencias tenho seguido uma determinada orientação, um plano de desenvolvimento, que não devem ter escapado áquelles que as hajam benevolmente lido deste o seu inicio (...). Chamei a attenção dos negociantes portuguezes para o Japão, no intuito do desenvolvimento das nossas relações

mercantis com este imperio. Todas as vistas do mundo civilizado e grande parte da sua iniciativa, convergem presentemente para o Extremo-Oriente.

Resumindo de maneira rápida, Moraes sabia que as suas cartas teriam utilidade como base de estudos para os mais variados campos de investigação, desde a história até a literatura. Não apenas isso, mas a epistolografia do português tem sido um exemplo de documentação histórico-cultural para os historiadores portugueses e japoneses. Sendo assim, qual era a importância destas cartas que levou Moraes a criar um diário para retratar e relatar o quotidiano do povo japonês?

Exatamente aquilo que já foi mencionado anteriormente: as cartas dirigem-se ao leitor português para, assim, estruturar-se um plano estratégico de trocas comerciais entre estes dois países, permitir a outras potências ocidentais, nomeadamente aos Estados Unidos, a abertura dos seus portos para o mercado japonês e acautelar o bom relacionamento com o povo nipónico e a sua cultura.

É importante citar, novamente, que a Era Meiji só aconteceu devido aos navios americanos entrarem no Japão com o intuito de o abrirem ao mundo exterior, depois da expulsão dos estrangeiros do território nipónico. Por esse mesmo motivo, o Japão teve que passar por inúmeras reformas internas e ocidentalizar-se para, assim, evitar tornar-se uma colónia de um país ocidental.

Inclusive, Wenceslau de Moraes critica duramente a forma como essa invasão aconteceu e os estragos que causaram para a cultura e quotidiano do povo japonês. Na sua obra *Cartas do Japão I*, o escritor comenta (s.d.: 232):

No entretanto, não poderemos condemnar semelhante transformação. Fomos nós, os occidentaes, que a impozemos, obrigando o Japão a sahir do seu mysterio, a abrir as suas portas á invasão dos brancos. Offerecia-se ao paiz do Sol Nascente uma de duas normas de conducta: ou persistir na sua civilisação classica e perecer ás nossas mãos, tornando-se uma colonia a mais de qualquer Estado europeu; eou emancipar-se da tradição, civilisar-se á nossa moda, armar-se até aos dentes, impôr-se ao respeito mundial, manter a sua independencia. Optou pela segunda hypothese. Bem haja.

Como é óbvio, nenhum povo gosta de mudar os seus costumes seculares por causa de um invasor, facto que levou à animosidade recíproca entre os japoneses e os povos de raça branca:

(...) europeus e japonezes detestam-se entre si. – As razões d'isto encontram-se, claro está, nas divergências de carácter racial, dando origem a aspirações oppostas, irreconciliáveis, e levando fatalmente uns e outros a destinos mui diversos. No japonês, a aversão attinge bem maior solemnidade do que no europeu, em virtudes características phychicas d'aquelle, mais vibrantes, mais intensas do que as d'este (...). Não se póde comprehender o facto, que seria uma aberração, do japonês votando uma viva sympathia a um paiz europeu, a uma instituição europeia, a um individuo europeu. Mas não sabem elles que, tratando-se do Japão, ser-se branco é já um crime, que nos exclue das benções dos deuses e nos marca de ferrete de raça condemnada? (Moraes s.d., I: 104).

As cartas, para além do seu valor intemporal devido ao facto de contarem em pormenor a vida deste povo asiático, também são um sermão aos povos ocidentais por tentarem colonizar outros povos ignorando as suas culturas tão íntimas e misteriosas. Ademais, Wenceslau de Moraes chega mesmo a criticar Portugal pelo seu desinteresse em relação às colónias africanas, enquanto tenta tentar conquistar Macau.

### 2.3.3. Frustrações, alegrias e sermões

Em relação a Portugal, as críticas de Wenceslau de Moraes são numerosas, chegando ao tempo em que Portugal era recordado e lembrado pelo mundo como povo heroico, que descobriu continentes e aí deixou a sua marca. No entanto, agora Portugal só é recordado como um país que outrora fora grande, mas que no presente não passa de um pequeno país sem grandes ambições no enorme continente europeu.

Mas Wenceslau de Moraes sabe da vontade dos portugueses, e até mesmo de alguns japoneses, em restaurarem-se relações luso-nipónicas que acabaram por perder-se com a expulsão dos jesuítas do país do Sol Nascente. É de louvar o facto de os portugueses terem sido o primeiro povo ocidental a pisar este país tão fechado para os outros e a conseguir influenciar, de uma maneira ou de outra, o povo japonês.

Por esse mesmo motivo, Wenceslau tem a esperança de reatar essa ligação histórica, escrevendo, então, com o intuito de abrir os olhos aos comerciantes portugueses para as trocas comerciais com o povo japonês e as vantagens que isso traria para a economia portuguesa e expansão dos produtos portugueses, como o vinho e a cortiça. É agora que o

Japão está finalmente aberto ao povo ocidental que os portugueses devem aproveitar esta oportunidade única para a restauração das trocas mercantis e políticas e renascimento como uma verdadeira nação.

Todavia, não é fácil esta tentativa, mesmo que Wenceslau de Moraes tenha escolhido um jornal português famoso para mostrar como é a vida do povo japonês para incentivar estas transições. Por isso mesmo, ao longo das cartas, são evidenciadas as frustrações, inquietações e tristezas que o escritor sente com as dificuldades que vê e com as terríveis decisões do seu país de origem (sd., III: 56):

Quando o publico portuguez, ou antes, os negociantes portuguezes se vão mostrando teimosamente mal dispostos para acceitarem nos mercados do paiz os artigos de proveniencia japoneza, alguns d'elles caracteristicamente captivantes, é curioso notar aqui que os outros negociantes portuguezes, mas residentes na nossa Africa, encetam por um modo animador a importação africana de objectos da industria japoneza.

Talvez, pois, n'um futuro mais ou menos proximo, um auspicioso commercio luso-japonez se possa estabelecer; não entre Portugal e o Japão, como poderia imaginar-se e os factos desmentem, mas entre as colonias portuguezas e o Japão.

Entristece-o, como se compreende, o facto de o povo português não estar assim tão interessado nestas trocas comerciais que tanto ajudariam o país na retoma das ligações entre Portugal e Japão. Sem embargo, as *Cartas do Japão* continuam a possuir uma importância histórica até aos dias de hoje pelo seu valor epistolar e histórico, sendo uma das poucas obras em que conseguimos ler em pormenor aspetos sobre a cultura do povo japonês. Esta troca de correspondência não ajudou nas trocas comerciais, mas ajuda nos dias de hoje para a pesquisa e investigação dos historiadores.

## **2.4. A Língua Japonesa em comparação com a Língua Portuguesa presente na obra *Cartas do Japão***

### 2.4.1. Breve resumo do primeiro encontro entre os dois países

Foi em 1543 que a primeira barca portuguesa atracou na cidade de Tanegashima, Japão. Desde o início que os portugueses se aperceberam que poderiam utilizar o Japão como fonte de comércio. Afinal, devido aos conflitos internos entre o Japão e a China era inexistente a troca comercial entre estes dois países, mas acontece que “Havia um interesse no Japão pela sede chinesa, e na própria China havia grande procura da prata japonesa” (Marques 2017: 4). Sendo assim, os portugueses utilizaram a sua influência, visto que já estavam estabelecidos em Goa, Malaca e em Macau, e começaram a servir como intermediários nas trocas comerciais.

Como era natural, na fase dos Descobrimentos, a expansão ultramarina visava propagar a religião Cristã e aumentar as rotas comerciais:

No século XVI a Igreja de Roma carregou para fora da Europa missionários, que difundiram o Cristianismo e ajudaram a sedimentar um processo de ocidentalização levado a cabo pelas monarquias europeias. (...) O termo “missão” passou a designar o envio de jesuítas, individualmente ou em grupo, por parte de uma autoridade eclesiástica para desempenhar uma actividade apostólica (Manso 2010: 104).

Desde que os Portugueses chegaram a Macau, abriram-se rapidamente as três principais rotas de comércio que ligavam o Oeste ao Leste: uma, de Macau para Lisboa via Goa, outra, de Macau até Nagasaki (Japão) e, ainda, Macau via Manila até ao México (Nueva Espanã (...)). Com a bula *Super Specula Militantis Ecclesiae*, do Papa Gregório XIII, datada de 23 de janeiro de 1576, foi criada a Diocese de Macau, com jurisdição sobre a China, Japão, Coreia e “ilhas adjacentes”, subordinada ao Bispo de Goa (...) (Seabra 2011: 418).

Os relatos dos primeiros encontros entre os japoneses e os portugueses mencionam a amizade entre os dois povos. Fernão Mendes Pinto na sua obra *Peregrinação* comenta exatamente a primeira impressão que os portugueses tiveram do povo nipónico (1983: 392):

Nós os tres Portugueses como não tínhamos veniaga em que nos occupassemos, gastavamos o tempo em pescar & caçar, & ver templos dos seus pagodes que erão de muyta magestade & riqueza, nos quais os banzos, que são os seus sacerdotes, nos fazião muyto gasalhado, porque toda esta gente do Iapão he naturalmente muyto inclinado & conversavel (...), tomava algũs vezes por passatempo tirar com hũa espingarda q tinha (...), os Iapões vendo aquelle novo modelo de tiros que nunca ate então tinhão visto (...), fez disto tamnho cuso, que em todas as cousas se lhe enxergaua o gosto do que via, porq como até então naquela terra nunca se tinha visto tiro de fogo (...)

Temos aqui presente um elogio ao povo japonês, apresentado como muito inclinado e conversável, gente honesta e com visível interesse nos portugueses. Inclusive, demonstraram forte interesse na arma que os portugueses levaram, algo que nunca antes tinham visto. Foi graças aos portugueses que os japoneses começaram a produzir armas de fogo, como mencionado no primeiro capítulo desta tese.

Não houve, logo de início, o que consideramos relações diplomáticas, visto que o contacto entre estes dois povos era simplesmente para a propaganda da religião e do comércio. No entanto, podemos considerar que foi o jesuíta Francisco Xavier o primeiro embaixador enviado por Portugal ao Japão e que foi recebido pelo *Daimyō* em 1552.

Graças às boas ações dos jesuítas nos hospitais e orfanatos que criaram, o cristianismo começou a ser visto com “bons olhos” pela população japonesa, que aplaudia essas boas ações por parte dos portugueses e que chegou a considerar o cristianismo como “a fé dos pobres e dos doentes” (Marques 2017: 6):

Foi numa fase posterior que alguns daimyō se converteram e que o Cristianismo (não apenas por fé, mas também como uma estratégia política e económica) começou a espalhar-se para outras zonas do país (...). A conversão destes senhores influenciava os seus súbditos a seguir o seu exemplo, o que levou ao aumento de conversões.

Com a propagação da fé cristã no Japão, a expansão da língua portuguesa acabou por acontecer naturalmente. Foi o jesuíta João Rodriguez que editou o primeiro estudo

sistemático sobre a língua japonesa, escrito em português, para facilitar as tarefas dos missionários. Segundo Gabriel Araújo (2008: 11):

(...) no trabalho jesuítico do século XVI, é necessário estabelecermos uma distinção entre a língua de liturgia e a língua de pregação. No primeiro caso, empregava-se o latim. No segundo, o vernáculo. O latim mantinha uma ligação com a Igreja de Roma (...). As línguas nacionais, por seu turno, eram empregadas na pregação, na administração dos sacramentos (...), nas devoções da tarde, nas orações que precediam e antecediam as missas e na catequese.

Conclui, então, Araújo (2008: 11):

Com o intuito de produzir materiais a partir dos quais os missionários pudessem estudar as línguas locais, diversos jesuítas dedicavam-se à tarefa de analisar as línguas locais e produzir cartilhas, catecismos e gramáticas, além de traduzir peças de doutrinação e descrever as sociais, mediados ela observação direta.

Não é de todo importante para este capítulo a demonstração de como os portugueses chegaram ao Japão e como é que as relações diplomáticas foram crescendo, mas é importante resumir para assim conseguirmos compreender como e onde é que a língua portuguesa influenciou o japonês e de que maneira isso aconteceu. A influência portuguesa na civilização japonesa foi e é ainda visível nos dias de hoje. Desde a arte; ciências, a medicina, a astronomia, as ciências náuticas, a construção naval e a ciência militar; a música, com os hinos religiosos; a arquitetura; o urbanismo; a tipografia e, principalmente, a língua.

Afinal, e tal como nas citações acima, os jesuítas expandiram a língua portuguesa de duas maneiras distintas, uma através da língua de liturgia, o latim, e a outra pela língua de pregação, a língua nacional. Os jesuítas tendo o interesse de produzir materiais que permitissem a comunicação fácil e rápida entre as duas comunidades, dedicaram-se a analisar a língua japonesa e a aprendê-la.

#### 2.4.2. Os empréstimos portugueses na língua nipónica

Como referido no ponto 2.1.1, os *gairaigos*, ou empréstimos, acontecem devido a uma necessidade natural da língua de criar ou apropriar termos para expor e manifestar certos sentimentos, tradições ou comida, entre outros. A língua japonesa, ao contrário do

português, é uma língua bastante aberta em relação aos estrangeirismos, no entanto, isso não implica que seja uma língua com pouco valor em comparação às outras.

Acredita-se que a língua japonesa se tenha apropriado de cerca de quatro mil palavras portuguesas, mas que, e como acontece com todas as línguas, algumas acabaram por cair em desuso ou foram modificadas ao longo dos tempos. Mesmo assim, a língua nipónica continua a possuir centenas de vocábulos portugueses.

Sendo as *Cartas do Japão* um livro epistolar e que demonstra a vida do quotidiano japonês, para além das trocas comerciais entre Portugal e o Japão, é do nosso interesse tentar reconhecer e ver até onde a língua japonesa foi influenciada pela língua portuguesa e como isso está evidenciado na obra, desde a diferença entre as duas línguas até às suas semelhanças.

Roy Andrew Miller na sua obra *The Japanese Language* (1967) assinala o grau de recetividade das línguas em relação a empréstimos linguísticos. Por exemplo, existem línguas que não são tão abertas a empréstimos por serem extremamente conservadoras. Um exemplo disso é o chinês. Já no caso da língua japonesa a situação é diferente (Miller 1967: 236):

Japanese, for as much of its history as is known to us, has always stood at precisely the opposite pole. It would be difficult to find another language in the world – excepting perhaps English during the first few centuries after the Norman invasion – which has been as hospitable to loanwords as has Japanese. At all times in their history the Japanese have heavily introduced new vocabulary items into their own lexical stock, where great numbers of them have remained as permanent evidence for many Japan's contacts with the always remote outside world.

Isto significa que os estrangeirismos são importantes para a língua japonesa, visto que é uma língua que se adapta facilmente a estes empréstimos. Para além disso, o japonês tem dois tipos de empréstimos: os empréstimos do chinês e o das línguas ocidentais, principalmente do inglês e do português.

Como já foi mencionando anteriormente, o português teve uma forte influência na língua nipónica graças aos jesuítas e é, até hoje, uma das línguas ocidentais que mais impacto teve. Nas *Cartas do Japão I*, Wenceslau menciona o facto de os próprios japoneses aprenderem as línguas estrangeiras, facto importante:

Quando o Japão começou a manter relações íntimas com o Ocidente, ha cerca de cincoenta annos, numerosos nipponicos, de

boa condição, se sujeitaram gostosamente a servir como criados em casas estrangeiras, com o unico fim de aprenderem varias linguas. N'esta ordem de ideias, mas entrando então também como factor um outro sentimento – o patriotismo – sabe-se com que facilidade alguns officiaes nipponicos se téem introduzido a bordo dos navios estrangeiros, servindo como cosinheiros, como criados, ou entrando em contacto com certas emprezas do Occidente, empregando-se como mineiros, como carregadores, etc., com o unico intuito de colherem informações uteis á patria estremecida (Moraes s.d., I: 246).

Ou seja, o povo nipónico, tão fiel à sua pátria, sujeitava-se a ser criado nas casas dos ocidentais para, assim, aprender a sua língua e conseguir obter informações que poderiam ser valiosas. Sendo assim, não é difícil apercebermo-nos como é que o português acabou por influenciar o japonês, visto que, para além de ser utilizado como a língua de oração e pregação dos jesuítas, os japoneses acabavam também por aprendê-la nos navios e enquanto trabalhavam. Obviamente, não podemos confirmar esta última parte pois não temos dados suficientes que nos indiquem que os japoneses possam ter aprendido de tal forma o português. Não obstante, é sabido que quando estamos num ambiente pouco familiar ou quando convivemos com uma língua que não a nossa, acabamos por aprender os maneirismos, a maneira de pronunciar as palavras e, até mesmo, algumas frases simples. Por esse mesmo motivo, não seria de estranhar que uma das formas de aprendizagem tivesse sido pela via do contacto.

Se estivermos curiosos em relação a quantos portugueses moravam no Japão na altura de Wenceslau de Moraes, o autor responde-nos com números oficiais, o que nos dá a dimensão da comunidade portuguesa no Japão na época, (Moraes s.d., II: 137):

E' sabido que residem no Japão bastantes portugueses nascidos em Macau ou seus descendentes. Encontram-se estabelecidos em Yokohama, em Kobe (talvez em maior numero) e mui poucos em Nagasaki.

Vem a proposito dizer que, no dia 10 do mez passado, os subditos portugueses residentes em Kobe e devidamente registrados eram 86, dos quaes 56 do sexo masculino e 30 do sexo feminino, incluindo 49 de maior de idade e 37 de menor de idade. (...)

Com respeito á terra de naturalidade, 20 eram nascidos em Macau, 11 em Hong-Kong, 6 em Shangai, 1 em Amoy, 47 no Japão e 1 em Lisboa.

É interessante saber estes números porque são ilustrativos da população portuguesa que esteve presente na China e no Japão e que contribuiu para a divulgação do português na língua nipónica. Para além disso, numa altura em que só os que possuíam posses conseguiam viajar e fazer vida num país estrangeiro, é importante notar que os números são, de certa forma, elevados. Para além disso, estes dados são dos portugueses que habitavam no Japão depois da expulsão dos jesuítas e no início da Era Meiji.

Nas *Cartas do Japão*, entre outras obras<sup>16</sup>, o escritor português acaba por demonstrar, mesmo que de maneira subtil, certas frases e palavras que podem ter sido influenciadas pelos portugueses e que agora estão introduzidas no léxico japonês utilizado no dia a dia. Segundo Moraes (s.d., II: 65) o termo *Sayônara*, que significa adeus, foi influenciada pelo termo “ámen” que os missionários pronunciavam no final das orações cristãs. Aliás, este termo é reconhecido por qualquer português nos dias de hoje, conscientemente ou não, e é um dos termos mais conhecidos da língua japonesa.

Mas o termo *Sayônara*, composto de duas palavras, *sayô* (sim, assim), e o suffixo *nara*, que implica a ideia de uma acção condicional e desiderativa, quer dizer, rigorosamente fallando: - assim seja; - correspondendo por este modo ao termo hebraico *amen*, com absolutamente identica significação, o qual remata de ordinario as supplicas, as orações christãs, votadas ao Eterno (Moraes s.d., II: 65).

Wenceslau de Moraes acaba por, naturalmente, mencionar as influências que tivemos no povo nipónico, neste caso, a nível linguístico (s.d., II: 65):

Com este cabedalsinho de linguistica, o occidental encontra nas dôces despedidas japonezas, terminadas invariavelmente pela palavra *Sayônara*, um quê de mystico saber a coisa santa, de prece feita aos deuses; a palestra transforma-se n'uma oração ; e comprehendéis que o caso seja de molde a vir embeber de lithurgicos encantos a rotina colloquial das nossas relações com esta gente.

---

<sup>16</sup> Caso de *Os Serões no Japão* (1926), onde se poderá ver o capítulo “Vestígios da passagem dos portugueses no Japão” (Moraes 1973: 149-152)

Podemos até comentar o facto de Moraes estar a criticar os jesuítas portugueses por terem influenciado os japoneses a ponto de utilizarem um termo usado por nós no seu próprio quotidiano. Afinal, o português criticou fortemente estas invasões em nome da religião, achando-as desnecessárias. No entanto, acaba por ter que admitir as consequências que as nossas missões religiosas trouxeram para o povo do país do Sol Nascente.

Ao dar um outro exemplo de uma palavra japonesa, *Kinodoku*, o escritor acaba por comparar a flexão da língua portuguesa com a japonesa, achando-a parecida (s.d.: II: 66):

Antes de tudo, observemos, de passagem, que á circumstancia de ser a lingua japoneza essencialmente aglutinante, isto é, de comprazer-se em formar novas palavras pela aglomeração de outras palavras, offerecenos surpresas captivantes.

A lingua portgueza é, como em geral, as outras linguas occidentaes de flexão; constituindo-se a maioria das palavras pela junção, a raizes invariaveis, de certas particulas insipidas, insignificativas, as quaes, por convenção, lhes graduam o sentido. (...)

Tambem na nossa lingua se encontram termos aglutinantes, constituídos por fórmula idêntica aos termos japonezes; mas suggerindo, em regra, pouco encanto.

Mesmo que este fenómeno de composição de palavras do léxico japonês não tenha sido influência do português, já que é comum noutras línguas, é engraçado vermos e percebermos que as duas línguas, de uma maneira ou de outra, têm mais semelhanças do que apenas as palavras que foram importadas. Talvez seja por esse mesmo motivo que Wenceslau de Moraes no seu livro *Relance da Alma Japonesa* menciona que “a lingua japoneza sôa agradavelmente ao nosso ouvido de portugueses, de hespanhoes, de francezes, de italianos, n’uma palavra: - de latinos” (Moraes 1922: 29); e, em *Os Serões no Japão*, é mais explícito: “(...) dando-se ainda a circunstância favorável de uma notável semelhança de pronúncia nas línguas faladas dos dois povos” (Moraes 1973: 149-150).

Talvez seja também esse o motivo de algumas cantigas japonesas serem tão parecidas com as portuguesas, tal como Wenceslau explica e demonstra. Ao comparar duas cantigas japonesas e ao traduzi-las, o primeiro pensamento de Moraes é o facto de que tais cantigas o fazem lembrar os arroios do cancionero português. Obviamente, o escritor explica o motivo de tal parecença, que não é meramente linguística, mas sim do espírito, (s.d., I: 248):

Todos os povos se parecem, se comparados pelas suas emotividades primitivas; e mais ainda se pronuncia a similhaça, quando se dão afinidades de clima, brilhos identicos de sol, as mesmas quenturas por mezes estivaes, amenidades communs na paisagem, como o caso para Portugal e o Japão.

A sua comparação não é só em relação a estas duas cantigas, mas também ao *haikai* e *tanka* que são duas formas poéticas japonesas. Para Moraes (1922: 169-170), a simplicidade, musicalidade e a facilidade de memorização das quadras japonesas acabam por lembrar os tercetos portugueses:

Para estudiosos portuguezes, todavia, o *tanka* e o *hokku* não devem merecer tanta estranheza. Nós temos a quadra portugueza, a nossa deliciosa quadra popular, tam cheia de seducções que, uma só, pode constituir um poéma emocionante. Dá-se tambem a circunstancia de serem certos processos de construcção, de uso vulgar na poesia japoneza, como o jogo de palavras, o calembur, ou então a reunião no sentido, tambem vulgares na quadra portugueza. Em minha opinião, a nossa quadra, quando habilmente manejada, seria susceptivel de dar excellentes traducções dos poémas japonezes.

O simples facto de o japonês ser uma língua bastante aberta a empréstimos linguísticos é algo que, obviamente, acabou por facilitar a introdução de palavras portuguesas no léxico japonês. Contudo, é fascinante a circunstância de, sendo línguas geneticamente tão diferentes, a poesia e cantigas japonesas serem tão parecidas com o terceto e cancionero português. Talvez, por serem línguas similares na sua flexão, tenha havido uma maior facilidade para a admissão de vocábulos portugueses na língua nipónica. Wenceslau de Moraes apresenta algumas palavras japonesas que são derivadas do português, muitas delas ainda do vocabulário nipónico atual:

Seguem as palavras de origem portugueza: - *kontasu* (contas, rosario); *kirisuto* (Christo); *anima* (anima, alma); *baterem* (padre); *battera* (batel); *kompetô* (confeito); *tabako* (tabaco); *bidoro* (vidro); *koppu* (copo); *kappa* (capa); *mantô* (manto); *manteru* (manter); *saberu* (sabre); *katana* (catana, ou é o termo portuguez que deriva do japonéz?); *pan* (pão); *shabon* (sabão); *tempura* (especie de fritura, provavelmente de tempero; o termo tambem é usado pelos negro de Moçambique); *karuta* (carta de jogar); etc (Moraes 1904: 371-372).

É interessante notar que, mesmo depois de dois séculos da expulsão dos jesuítas do território nipónico, as palavras que inicialmente foram introduzidas pelos portugueses continuaram no vocabulário nipónico durante todos esses anos, e algo que Moraes presenciou e documentou. Isso só nos demonstra que as influências que Portugal teve no país foram muito mais vincadas do que aparentam.

### 2.4.3. Algumas diferenças interessantes entre as duas línguas segundo Wenceslau de Moraes

Wenceslau de Moraes, mencionando e comparando as duas línguas, demonstrando as semelhanças e as origens, também descreve as diferenças entre as duas. Não é de todo o intuito deste trabalho demonstrar as diferenças entre o português e o japonês, até porque o interesse desta tese é mostrar como as cartas evidenciam a influência que o português teve no japonês. No entanto, acaba por ser do nosso interesse, de uma maneira ou de outra, sabermos em que aspetos Moraes, um português que viveu e presenciou o quotidiano japonês, sente a maior diferença entre as duas línguas.

Sendo assim, ele acaba por achar a língua japonesa mais rica gramaticalmente do que o português. Na sua opinião (s.d., I: 222):

Considerando agora o caso particular das formas vagas, complexas, indecisas – nuvens, fumo, ramarias, etc., - parece que a linguagem japonesa é mais rica do que a nossa para podel-as definir. Sendo aglutinante, isto é, reunindo-se muitas palavras simples, representativas de ideias simples, para formarem uma só palavra, representativa de ideias compostas, compreende-se como o vocabulo nipponico seja, como quem diz, um ramalhete – ramalhete de ideias, em vez de ser de flôres; condensando-se na unidade vocal uma multiplicidade de atributos, que pódem mesmo ser contradictorios.

A maneira como o povo nipónico pensa e age acaba por influenciar a língua japonesa. Sendo assim, o facto de o japonês ser uma língua aglutinante, em que cada carácter é uma sílaba ou mora e tem também um valor visual, leva Moraes a acreditar, de forma um tanto impressionista, que o japonês é uma língua mais requintada do que a nossa. Para além disso, a gramática japonesa não possui pronomes pessoais nem adjetivos possessivos (Moraes 1907: 240), facto que evidencia uma realidade e um pensamento muito diferentes, que não escapam ao olhar de Moraes (s.d., I: 43):

Para me tornar compreensível, cito a opinião antiga que os povos do Occidente faziam de si mesmos: embebidos de orgulho, julgavam a terra e o sol, e a lua, e as estrelas, e o universo inteiro, creados para o homem, para seu regalo e satisfação plena; o homem era, por este modo, o rei supremo, a quem a criação em peso obedecia. Pois o nipónico, pela sua feição ethnica diferente, vê as cousas ao reverso : para elle, não é a criação que é escrava do homem ; é o homem que é escravo da criação ; é tão escravo, que a sua individualidade quasi desaparece.

Tal pensamento relativo ao povo nipónico é uma consequência direta da religião praticada no país, o confucionismo e o budismo, e algo que acaba por influenciar a língua a ponto de não haver quase nenhuns pronomes pessoais ou possessivos. Estas não são as únicas diferenças que Moraes descreve em relação à língua japonesa e portuguesa. Os contrastes vão desde a maneira como escrevem – caracteres apresentados de cima para baixo e da direita para a esquerda-, ao facto de a última página de um livro ocidental ser a primeira de um livro japonês e de empregarem símbolos e caracteres ideográficos ao contrário do alfabeto latino (Moraes 1922: 30):

Na lingua japoneza, quando escripta (ou pintada, porque o pincel substitue a penna), as palavras escrevem-se de cima para baixo e da direita para a esquerda, ao contrario do que succede com as línguas europeias; empregando symbolos graphicos, syllabicos, que os japonezes inventaram, ou então os caracteres ideographicos, não syllabicos, formosíssimos mas complicadíssimos, que os japonezes adoptaram dos chinezes. D'este processo de escrever, deriva o facto de que a primeira pagina de um livro japonez corresponde à ultima de um livro escripto á nossa moda.

Estas diferenças fazem Wenceslau de Moraes admirar o povo nipónico, pois apesar da influência da gramática portuguesa e dos empréstimos linguísticos, o país do Sol Nascente continuou a manter-se fiel à sua língua, à sua religião e pensamento filosófico. Todas estas características foram as que levaram Moraes a permanecer no Japão ano após ano, mesmo com a discriminação que sofria por não ser japonês, mesmo com a solidão que se alastrava com os minutos, com uma língua tão difícil de aprender mas que o deixou enamorado, fascinado e encantando; com as tradições tão diferentes de Portugal, desde a cultura do chá, das geishas, dos carros de comida ambulante que passavam nas ruas às três da manhã a vender *udon*; da simplicidade, do coletivo e da praticidade do pensamento japonês. Tudo isso

fez com que permanecesse no país até aos seus dias finais, lutando por pertencer parte a um coletivo que não o aceitava como tal.

## **2.5. Wenceslau de Moraes, o “português japonizado”**

Em 2021, completam-se 123 anos desde que Wenceslau de Moraes partiu definitivamente para o país do Sol Nascente, devido à sua paixão e ideia de ser um país perfeito, habitado por um povo com pensamentos e maneiras tão diferentes das ocidentais, que o levaram a mergulhar na cultura nipónica.

Não deve ter sido fácil para o escritor português a decisão de deixar o seu país, religião, amigos e família para trás. Afinal, nunca é fácil deixarmos as nossas raízes a ponto de nem sequer falarmos com as pessoas que nos são mais queridas. Ou talvez tenha sido, se levarmos em conta tudo aquilo que Moraes escreveu na sua extensa obra e, como tema desta dissertação, nas *Cartas do Japão*.

O escritor português lamentava o facto de os comerciantes portugueses não se demonstrarem abertos para as trocas comerciais e diplomáticas entre Portugal e Japão, ainda por cima atendendo à história comum dos dois países. Foi por esse mesmo motivo que Moraes decidiu escrever tais cartas para serem publicadas no jornal *O Comércio do Porto*, de modo a que portugueses e comerciantes conseguissem abrir as suas mentes para um futuro risonho entre estes dois países.

No entanto, mesmo que o seu interesse inicial tenha sido esse, não podemos deixar de mencionar que a sua obra literária, em particular a obra epistolográfica, é de extrema importância a nível histórico, cultural e literário. Tal como Castro (2017: 11) menciona:

On the beginning of the 20<sup>th</sup> century, Morães worked as a key-informant for the Portuguese culture, because his intercultural contact and learning a second culture (acculturation) enlarged the Portuguese knowledge about the humankind. He was placed on a middle point, being bicultural in the sense of fusion, which gave a sense of ambiguity in a time of nationalistic identities.

Wenceslau de Moraes foi o primeiro europeu a refugiar-se no país do Sol Nascente, convivendo com o povo nipónico, aprendendo a língua, os costumes, a usar o vestuário e os *hashis*, a dormir numa esteira ao invés de uma cama, aprendendo a história do país que tanto amava para, deste modo, tentar perceber mais como a mente dos japoneses funcionava.

Foi graças a essa aculturação da cultura japonesa que conseguimos, então, aperceber-nos como o português influenciou a língua japonesa. Afinal, Moraes nos três volumes das cartas, acaba sempre por comparar Portugal com o Japão, desde os trajes, a maneira como as mulheres se vestem, a arte, a filosofia, a religião e, igualmente, a linguagem.

Como é óbvio, o português e o japonês são línguas distintas no seu léxico e até mesmo no seu alfabeto, mas sendo Moraes um português a viver no Japão e a escrever cartas para aliciar os portugueses, ele não poderia deixar de parte algumas das palavras que vêm do léxico português, ou os poemas que são tão parecidos com os do cancionero nacional ou, até mesmo, o facto de o japonês tal como o português aglomerar palavras para criar um outro sentido.

Existem diferenças entre as duas línguas, sim, e isso é algo que Moraes também explica e algo que o deixa feliz, num sentido. Afinal, na sua opinião, o Japão já está tão ocidentalizado que aos poucos acaba por estar a perder o seu mistério, algo que o português censura aos ocidentais por estarem a causar tamanhos estragos no Japão. No entanto, o facto de os japoneses terem lutado para continuarem as suas tradições e por terem tentado manter a sua cultura intacta, é algo que Moraes aplaude e respeita.

Contudo, e acaba por ser importante mencionar,

All of Wenceslau de Moraes' work is the result of his state as a Portuguese far from Portugal, fascinated by a Japan in which complete integration was denied to him. His absolute surrender to a country whose people reject him was the drama of his existence (Vital 2004: 51).

Pois mesmo Wenceslau demonstrando apreço pelo país e pelos costumes tradições japonesas, ele acabou por não ser totalmente aceite pelos japoneses devido ao facto de ser ocidental. Contudo, isso não impediu que ele deixasse de amar o país em que viveu metade da sua vida, mas tentou compreender o porquê de sofrer racialmente.

Tal como já foi referido anteriormente, Moraes japonizou-se e deixou os costumes europeus e portugueses no seu passado. Não obstante, existe algo que o faz lembrar do seu país de origem, o cantar do galo (s.d., II: 201-202):

No entretanto, um episódio corriqueiro da vida japonesa, o cantar do gallo, traz-me a recordação da propria meninice, passada no sólo patrio; traz-me tambem a recordação de um longo periodo de existencia vagabunda, decorrida em diversos poisos africanos e a bordo dos navios. (...)

Concordareis commigo que o canto do gallo synthetisa a ideia de uma existencia sedentaria, de paz, passada sob o tecto familiar. (...).

Por isto eu, quando ouço o cantar do gallo niponico anunciar á população amadorrada que o sol não tardará em vir alumiar a terra, estremeço de melancholica commoção, desenrolando-se-me em summula, em frente dos olhos d'alma, o longo quadro dos annos já vividos...

Wenceslau de Moraes pode ter deixado todos os seus costumes portugueses para trás para assim viver à maneira japonesa, contudo, existem certas coisas que sempre lhe lembraram o país onde nasceu e pelo qual lutou. Nunca mencionou sentir saudades de Portugal, até porque, e tal como mencionado anteriormente, Moraes revocou Portugal, cortou ligações com amigos e criticou o seu país de origem nas cartas que escreveu. No entanto, não se sabe se, perto do seu leito de morte, não lhe viriam à memória o chá japonês a acompanhar as natas de Belém, a tradução de poemas japoneses para declamar na Baixa de Lisboa, o bar português mais adequado para um espetáculo de *geishas*, ou o vinho lusitano que melhor servisse o *ramen* japonês.

## **Capítulo 3 - O Padre João Rodrigues e a gramática *Arte da Lingoa do Iapam***

### **3.1. Quem foi o Padre João Rodrigues**

A Companhia de Jesus foi fundada, oficialmente, em 1540 em Paris pelo espanhol Inácio de Loyola depois da aprovação do Papa Paulo III, tendo como seu objetivo principal criar uma ordem que espalhasse o cristianismo pelo mundo. A primeira missão jesuíta no Japão foi fundada em 1549 com a chegada da embarcação de Francisco Xavier, Padre Cosme de Torres e Irmão Juan Fernández, que vinham diretamente da China (Melo, 2013: 20). Entre os jesuítas e missionários portugueses, um dos mais notáveis foi o Padre João Rodrigues.

Muito pouco se sabe sobre a origem e infância de João Rodrigues, contudo acredita-se que nasceu em Sernancelhe, Beira, Portugal, em 1561 ou 1562. Apesar das informações nubladas, é consensual que com quatorze ou quinze anos, em 1574, João Rodrigues terá embarcado numa das naus da Companhia de Jesus. Se assim o tiver feito, e acredita-se que sim, terá privado, no momento de partida, com Alessandro Valignano.

Terá atrancado na cidade de Goa para, posteriormente, partir para Macau onde chegou em abril de 1577. Tal permanência só ocorreu durante algumas semanas e, em julho de 1577, finalmente chegará ao Japão tendo desembarcado no porto de Nagasaki. Rodrigues foi um dos quarenta e um jovens que foram aceites pela Companhia de Jesus para concluírem a formação eclesiástica e se dedicarem ao trabalho da catequese e missionação.

Aliás, o envio de jovens missionários, especialmente órfãos, para os espaços ultramarinos era bastante aceite e comum. Para além de oferecerem ajuda nas cerimónias, tinham uma maior facilidade de aprendizagem da língua nativa, para, assim, conseguirem desempenhar a função de intérpretes:

Era muito comum os jovens missionários em processo de formação, como Rodriguez, durante as cerimónias católicas serem designados para um papel de auxiliar o celebrante nas atividades litúrgicas próprias do rito. Além de servirem como cerimóniários, esses

jovens, em terras distantes, aprendiam o idioma local com muita facilidade e alguns acabaram se tornando intérpretes, como ocorreu com Rodriguez em grande destaque (Silva, 2015: 17).

Este último ponto é de relevo, pois foram poucos os jesuítas que fizeram a missão no Japão e ficaram conhecidos ou tiveram a influência que o missionário português teve. Rodrigues foi o intérprete oficial de Valignano nas suas viagens dentro do Japão, para além de ter trabalhado para o *shōgun* Toyotomi Hideyoshi e Tokugawa Ieyasu. Rodrigues adquiriu fluência na língua japonesa com uma grande agilidade, o que lhe valeu o codinome “*Tçuzzu*”, que significa “intérprete” em japonês.

É difícil traçar os passos do missionário após a sua chegada ao Japão; contudo, supõe-se que esteve ligado ao ensino em algumas escolas criadas pelos jesuítas em Kyushu e Kyoto. Para além disso, em 1581 começou a estudar humanidades em Funai, terminando o curso dois anos depois e começando, logo de imediato, o curso de filosofia na mesma escola. Em 1585, e depois de terminar o curso de filosofia, ingressou no curso de estudos teológicos, que não conseguiu terminar devido aos problemas políticos e militares por que o Japão estava a passar (Barron e Maruyama, 1999: 1).

Independentemente disso, acredita-se que o primeiro contacto que Rodrigues teve com Hideyoshi foi em maio de 1586, quando o mesmo recebeu um grupo de jesuítas no castelo de Osaka, antiga capital do país. No entanto, não temos a certeza de tal informação e, na verdade, as datas parece serem incertas. Não obstante, é definitivo que o missionário conheceu o militar como interpretador de Valignano, a março de 1591. Apesar de Hideyoshi já ter escrito um édito para a expulsão dos jesuítas do país, Barron e Maruyama (1999: 2) mencionam:

Since Hideyoshi had previously issued an edict expelling Jesuits from Japan, it was a very volatile situation, but Hideyoshi appears to have been impressed by the embassy that Valignano headed (...). It also appears that Hideyoshi was extremely impressed by Rodrigues, and even after the extremely successful embassy visitation of Valignano he indicated that he wished to meet Rodrigues further and there were several more meetings. Hideyoshi gave permission to return to Nagasaki and wait for the next boat for Portugal the following year but repeatedly reminded him that he wished Rodrigues to stay in Kyoto.

A partir daí, Rodrigues foi apontado como o intérprete de Hideyoshi e o único que conseguia intervir a favor dos jesuítas ao militar. A partir de 1595, e a pedido direto de

Hideyoshi, Rodrigues começou a tratar de obter as sedas da China, acabando por ser o porta-voz das trocas comerciais entre os dois países. Conseguimos perceber o apreço que o *shōgu* tinha pelo missionário aquando do ano de 1597, em que o mesmo ordenou a expulsão dos jesuítas, expeto João Rodrigues (Barron e Maruyama, 1999: 4).

Em 1601, e já com Ieyasu no poder, o mesmo decretou que “all Portuguese merchants should deal through Rodrigues, and although this gave Rodrigues much power at the time, it also caused a reaction later in 1609 and he was criticized for his commercial activities” (Barron e Maruyama, 1999: 5). O Padre Francisco Vieira chega mesmo a comentar o poder que Rodrigues tinha sobre os líderes do Japão e dos seus senhores, embora não devesse ter-se envolvido nas trocas comerciais:

In the description made later in 1619 by the Jesuit Visitor Francisco Vieira, he said that Rodrigues was capable and willing and he had much influence with the leaders of Japan and many other lords but that he made a great mistake in involving himself in trade and the administration of Nagasaki and through this, he had made many enemies, and that these enemies eventually persecuted him unfairly and forced him to leave Japan (Barron e Murayama, 1999: 5).

No entanto, apesar de Rodrigues ter sido um dos missionários com mais influência no Japão, as suas visões em relação à missionação diferenciavam-se das de Francisco Xavier. Xavier defendia que os jesuítas deveriam aculturar-se e assimilar certas tradições dos japoneses para, assim, a missionação ser mais fácil, para além de considerar que a aceitação de irmãos japoneses dentro da Companhia era algo de valor. Já Rodrigues, acreditava que os japoneses não possuíam as qualidades necessárias para integrarem a Ordem, visto que o Japão, como país, não conseguia compreender o Cristianismo.

Para além disso, ele ia contra a opinião de Francisco Xavier, afirmando que os missionários não deviam assimilar as práticas religiosas japoneses:

Refira-se a constatação por parte de Rodrigues das dissemelhanças entre as práticas religiosas europeias e as japonesas. São acentuados os votos pouco austeros proferidos pelos *bonzo* que, contrariamente ao que ocorria com os cristãos, raramente viviam de acordo com modelos de despojamento material e, sobretudo, a intercepção que frequentemente se verificava entre o mundo laico e o religioso (Prazeres 2012: 24).

Foi a partir de 1609, e depois de Rodrigues ter ficado responsável pelas relações mercantis entre os portugueses e os japoneses, que as relações entre o missionário e o *shōgunato*<sup>17</sup> começaram a deteriorar-se. Os comerciantes nativos começaram a queixar-se junto a Ieyasu sobre o elevado preço aplicado aos produtos que os portugueses ofereciam, algo que desapontou e desagradou o militar, pelo facto de a intervenção do jesuíta nas atividades mercantis darem prejuízo aos comerciantes japoneses. Mas tal desapontamento também veio da Companhia de Jesus. Numa carta redigida pelo bispo D. Luís Cerqueira:

O amor que tenho da companhia e dá sua boa fama obriga-me a apontar a Vossa Paternidade algumas coisas sobre as actividades temporais e quase de governo, (...) que a Companhia goza por via do p.e João Rodrigues, chamado Tçuzzu, que significa intérprete, referente às questões da nau e seu comércio e outras matérias referentes à cidade de Nagasaki. Porque isto é matéria de grande discussão, não só entre japoneses, portugueses e espanhóis mas mesmo dentro da Sociedade (...) (Cooper 2003: 283).

Não obstante, começaram a circular rumores acusando Rodrigues de ter casos amorosos com mulheres casadas e de apresentar uma conduta de libertinagem que seria do conhecimento dos respetivos maridos (Prazeres 2012: 29). Isso, e mais boatos sobre a sua honra e dignidade, levaram a que fosse expulso do país a meados de março de 1610. João Rodrigues nunca mais voltará a entrar no Japão.

Passou a viver em Macau, onde continuou a desempenhar cargos importante na Ordem, nomeadamente de procurador na cidade de Macau, entre os anos de 1622 e 1627, em que se ocupava dos assuntos relacionados com o Japão. Acabou por falecer em 1633, facto atestado pela carta enviado para Roma do Visitador de Macau, André Palmeiro, datada de 4 de janeiro de 1634 (Prazeres 2012: 32).

João Rodrigues foi um dos missionários mais importantes, não só na missionação, mas também ao nível do estudo da língua japonesa, visto que o mesmo escreveu *História da Igreja do Japão*, tal como um catecismo, um tratado de terminologia cristã em chinês e um estudo sobre geografia. No entanto, a sua obra mais importante, e a que é tema desta dissertação, é a gramática da língua japonesa *Arte da Lingoa de Iapam*, que começou a ser publicada em 1604, mas que só foi finalizada em 1608. Em 1620, e já estando em Macau, publicou a *Arte Breve da Lingoa Iapoa*, que é uma versão mais simples e concisa da primeira gramática.

---

<sup>17</sup> Significa o mesmo que *bakufu*, mas também pode significar uma regra ou um serviço.

João Rodrigues foi, de facto, uma das figuras mais importantes na missão japonesa. Adquiriu um notável domínio da língua japonesa e conseguiu ter uma posição privilegiada junto das autoridades japonesas. Tal posição, e o facto de ser especialista como intérprete, deu-lhe a designação que permanece até aos dias de hoje, *tçuzzu*.

## 3.2. Arte da Língua de Iapam

### 3.2.1. A literatura missionária

O domínio da língua local sempre foi a preocupação dos jesuítas nas suas missões, principalmente no Japão. Apesar de a língua portuguesa ter sido a língua franca nas trocas comerciais, a ponto de nem os holandeses ou ingleses se importarem em aprender a língua nipónica para as suas transições comerciais, o mesmo não se pode dizer relativamente à conversão. Ou seja, apesar de os comerciantes dispensarem o conhecimento da língua, os jesuítas eram obrigados a aprenderem a língua nipónica, tal como os seus costumes.

As dificuldades eram bastantes. Não só uma grande parte dos missionários já tinham uma certa idade, que tornava a aprendizagem mais demorada e difícil, razão por que a Companhia de Jesus começou a mandar jovens para as missões além-mar, como a cultura, a língua e o pensamento entre os dois países era muito distinto. Por exemplo, uma das maiores dificuldades que o Padre Francisco Xavier encontrou quando pisou no Japão foi a tradução da palavra “Deus”. Sá (2010: 2) avança e explica de onde veio tal dificuldade:

Refletindo acerca de qual seria a melhor opção, Xavier primeiro traduziu “Deus” como *Dainichi*, que é o nome de um dos Budas. Porém, ao descobrir que este nome queria dizer “Grande Sol”, começou a pregar contra ele, dizendo que *Dainichi* não passava de uma invenção do diabo. Decidiu então traduzir “Deus” como *kami*, que significa “ser superior” – uma tradução ainda não satisfatória, pois é a mesma palavra usada até hoje para os milhões de deuses do xintoísmo.

A palavra “Deus” foi uma das muitas palavras, entre outras pertencentes ao domínio religioso, que os missionários encontraram dificuldade em traduzir ou explicar o conceito aos japoneses. As coisas começaram a mudar quando, em 1590, Alessandro Valignano, o patrono da educação jesuíta, se apercebeu numa das suas visitas ao país, da importância de os jesuítas aprenderem a língua fluentemente, além de os irmãos nativos aprenderem o latim. Assim, para além de incentivar a criação de colégios e seminários, introduziu a máquina de imprimir

de tipos móveis, para que os missionários conseguissem divulgar os catecismos e orações, mas também para a publicação de livros literários, gramáticas e dicionários. Tashiro (2004: 202) menciona as diversas obras que os jesuítas portugueses criaram durante o período que permaneceram no país:

As publicações sobre assuntos sacros são traduções para o japonês de obras como *Guia do Pecador* (1599), *Doctrina Christiana* (1591), *Contemptus Mundi* (1596), *Compedium Spiritualis Doctrinae* (1596), *Salvator Mundi* (1598), *Aphorismi Confessariourum* (1603), *Manuale ad Sacramenta Ecclesiae Ministranda* (1605). Os anos entre parênteses das obras anteriores se referem à data da publicação das versões japonesas. Elas foram escritas no estilo literário da época (estilo chamado *bungotai*, em japonês) e impressas na grafia do alfabeto latino ou na grafia japonesa. As obras literárias foram reescritas para a língua oral e impressas na grafia do alfabeto latino. São elas *Feike monogatari* (*As narrativas de Heike*), de 1592, *Issopu monogatari* (*As fábulas de Esopo*), de 1593, e *Kinkushû* (*Coletânea de máximas*), de 1593. As publicações lingüísticas foram a versão japonesa de *De Institutione Grammaticae Libri Tres*, impressa em 1594, o *Dictionarium Latino-Lusitanicum ac Iaponicum* (1595), o *Racuyôxû*, um dicionário de ideogramas, publicado em 1598, o *Vocabulario da Lingoa de Iapam* (1603), a *Arte da Lingoa de Iapam* (1608) e a *Arte Breve da Lingoa Iapoa* (1620).

Apesar de ser um grande e importante número de obras, a verdade é que todas as obras produzidas no Japão precisavam da autorização da Companhia de Jesus, o que dificultava a produção de mais impressos, também devido à falta de obras, queixa muito frequente dos missionários. Não obstante, a linguística missionária no Japão acaba por possuir características específicas, em função de variações diastráticas muito marcadas:

O exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável, não mero recurso interdisciplinar. Como a linguagem é, em última análise, uma fenômeno social, fica claro, para um sociolinguista, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico (Camacho *apud* Oliveira 2017: 5).

Pelo facto de uma grande parte dos missionários portugueses no Japão não terem conhecimento destes factos sociolinguísticos característicos da língua japonesa, a descrição das variedades da língua complica-se. O jesuíta Valignano mencionou a existência de uma linguagem dos nobres e uma linguagem dos fazendeiros; uma língua das mulheres e outra dos homens; uma língua falada e outra escrita; e, a mais difícil, na sua opinião, as expressões de tratamento (Tashiro 2004.: 205-206). Na realidade, o único missionário português que teve atenção ao contexto sociolinguístico foi Rodrigues na sua gramática *Arte da Lingoa de Iapam* (1604-1608).

### 3.2.2. Arte da Lingoa de Iapam (1604-1608)

A aprendizagem e a investigação da língua japonesa visavam o catecismo e a conversão cristã. Sendo assim, e segundo Doi (1971: 1-2), os missionários produziam obras linguísticas sobre as línguas locais com objetivos catequéticos que facilitassem a cooperação com os nipónicos. Havia diferentes aspetos a considerar: conseguir ouvir confissões em língua japonesa; conseguir pregar o evangelho na língua e conseguir escrever na língua (Doi 1971: 3).

Por tal motivo, a criação de dicionários e gramáticas era importante; só assim os jesuítas conseguiriam administrar as confissões, pregar o cristianismo e, desta forma, espalhar a fé cristã pelos nipónicos. Foi com isso em mente que o Padre João Rodrigues escreveu a *Arte da Lingoa de Iapam* que, segundo Tashiro (2004: 206) é, “a primeira obra gramatical da língua japonesa elaborada na tradição gramatical europeia (...) [de] descrição gramatical para fins pedagógicos baseada na gramática da língua latina”.

A *Arte da Lingoa de Iapam* foi publicada em Nagasaki em 1608, mas acredita-se que a primeira metade foi impressa em 1604, tal como se vê no seu frontispício. Trata-se fundamentalmente de uma arte (*techné*) e menos de uma gramática (*episthème*), pois o seu objetivo era, então, apresentar a língua de uma forma prática para que os missionários conseguissem aprender rapidamente a língua japonesa (Sá 2010: 2052). No prefácio da obra, Rodrigues afirma tal (1969: 5):

Como seja proprio do instituto da Cõmpanhia de IESV ajudar o Proximo, & deſcõrrer por varias partes do mundo trazendo as almas ao verdadeyro conhecimento de ſeu criador, & pera iſto ſe tenha por meyo neceſſario ſaber a lingoa daquelles com que tratamos; muyto tempo ha que os Superiores da meſma Companhia de Iapão deſejauão q ſe ordenaſſe, & imprimiſſe hũa

Arte pera cõ mays facilidade aprêderem a lingoa desta nação noſſos  
Padres, & Irmãos que de Europa, & da India vem a trabalhar neſta  
vinha do Senhor (...)

Claramente, o propósito desta *Arte* era para quebrar a barreira linguística que existia entre os missionários e os japoneses. Não bastava apenas ter o conhecimento estrutural ou fonológico da língua japonesa, mas também era necessário mostrar tal conhecimento e saber como aplicá-lo nas conversações com os nativos. Clarificando, a *Arte da Lingoa de Iapam* é mais um manual prático da língua japonesa do que um estudo científico sobre a mesma.

A obra está dividida em três partes: 1) explica aspetos importantes da escrita e da gramática da língua, como classes de palavras e algumas regras da língua japonesa; 2) trata de questões de morfologia e matéria de sintaxe, e trata das questões dialetais e formas nominais do verbo; 3) na última parte aborda questões mais práticas, tal como a maneira de contar, a indicação de direções, entre outros aspetos. Nas “Advertências” da obra, o autor logo nos demonstra a multiplicidade de critérios e dos assuntos que vai abordar na obra (1969: 10):

Dividi eſta Arte ã tres livros, o primeyro dos quaes comprehende os nominativos, & conjugações aſſí as que ſervem pera o cõmum falar, como as que ſe uſam na eſcritura, & cartas com algũas notações proveytoſas, & a Rudimenta com a ortographia Japoa em noſſa letra. No ſegundo livro ſe trata da ſyntaxis intransitiva, & tranſitiva, da conſtruyção figurada, & dos barbariſmos: onde ſe poem algũs modos de falar particulares de certos reynos, & lugares, & ſe trata dos accentos, & modo de pronunciar desta lingoa, e hũa breve noticia das varias ſortes de verſos que tem. No terceyro, & ultimo ſe trata de diverſos eſtilos da eſcritura, do modo de eſcrever cartas, & de varios modos de contar que tem eſta lingoa, em q ſe encerra boa parte della com outras curioſidades proueytoſas.

Rodrigues menciona que se serviu de anotações dos padres precursores. Tal informação acaba por confirmar a grande influência que a gramática latina de Manuel Álvares<sup>18</sup> teve na *Arte*, principalmente nos dois primeiros livros. A gramática de Álvares, que foi de extrema importância para o ensino do latim aos jesuítas, foi parcialmente traduzida

---

<sup>18</sup> A gramática latina do Pe. Manuel Álvares foi recentemente traduzida para português: *Instituição da Gramática ampliada e explica por António Velez*, Tomos I-II (Sánchez Salor *et al.*, 2020).

para japonês em 1594 (Amakusa) – *De institutione libri três. Coniugationibus accessit interpretativo Iapponica* – e, por tal razão, não é surpresa o facto de João Rodrigues se ter inspirado na mesma.

Como referido no subcapítulo anterior, algumas obras sobre as línguas “exóticas” refletiam particularidades de idiomas não indo-europeus, como faz Rodrigues na descrição da língua japonesa. Apesar de a gramática ter sido escrita em português, fazendo a romanização do japonês, a língua japonesa descrita é a da atual região de Kinki, situada em Kyoto, a antiga capital do império (Tashiro 2004: 207). No entanto, Rodrigues não deixou de parte as variedades dialetais, as particularidades e as diferenças entre a língua escrita e oral, a diferença entre a língua falada pela mulher e pelo homem. Na realidade, o missionário presta bastante atenção a esses detalhes e explica-os para que, assim, os missionários conseguissem compreender a profundidade da língua japonesa.

Ainda sobre este assunto, o jesuíta não se esquece de peculiaridades do japonês, tendo em conta a influência da língua chinesa, chegando a comparar o papel do chinês na formação da língua literária japonesa com o valor do latim no vernáculo:

Toda a coufa na lingoa Japoa de ordinario tem dous nomes significados por estes dous vocabulos, Va, Can, ou Can, Va, que quer dizer China, & Japão: hum se chama Coye, que significa a lingoa China, outro Yomi que significa a lingoa natural de Japão; & por esta causa a lingoa Japoa ou he naturalmête puro Yomi, sem mistura de Coye: ou he Yomi, com pouca mistura de Coye, a qual he a cõmua, & usada de todos, ou cõ muyta mistura de Coye, a qual he mais grave, & de qual cõmumête usam os Iapões e suas escrituras, & de que usa a gente grave, & letrados; ou he soamente pura Coye, escurissima, da qual usam os Bonzos nos livros de suas feitas. (Rodrigues 1969: 7)

Uma particularidade da gramática do Pe. João Rodrigues é o facto de a ortografia apresentar traços específicos, alguns ligados à região Norte donde o autor era oriundo. Barron e Maruyama (1999: 7) mencionam oscilações ortográficas nas duas gramáticas, nomeadamente nas palavras *significar/sinificar*, *oje/hoje*, *lingoagem/lingoajem*, *melhor/milhor*, *sogeito/sojeito*. Segundo os autores, estas oscilações levam-nos a crer que “he [João Rodrigues] was fairly confident in his linguistic competence and hence he maintained his own way of writing Portuguese, even contrary to the general contemporary orthographic custom in sixteenth and seventeenth century” (1999: 7-8).

Apesar de a *Arte da Lingoa de Iapam* ser utilizada até hoje para estudar o japonês medieval, o gramático escreveu depois a *Arte Breve da Lingua Iapoa* que foi publicada a

1620 em Macau. Este manual caracteriza-se pela melhor organização e sistematização da primeira gramática para que, assim, os jesuítas portugueses conseguissem ter uma maior facilidade em aprender a língua, mais ainda do que utilizando apenas a primeira gramática, como, aliás, confessa o autor na *Arte Breve* (1993:20):

Na arte grande, que compus da lingua Iapoa, que anda empresa, fui algum tanto extenso na declaração de muitas cousas (...). Mas porque aos que começam a aprender esta lingua pode causar confusam a variedade de preceitos, & regras, que ali se dam, pareceo necessario, como na mesma arte prometemos, & agora de nouo ordenou o Superior, fazer este breue extracto da arte grande, que sirua aos principiantes como de introduçam pera a mesma arte, aqual, depois ouuido este Compendio podera melhor servir a todos.

Ambas as gramáticas têm uma motivação pedagógica e catequética por detrás delas e foram revolucionárias pelo facto de João Rodrigues ter dado a atenção e ter explicado as variedades que existiam na língua japonesa, nomeadamente variedades diafásicas e diastráticas. As primeiras referem-se a diferenças entre a língua escrita e a língua falada; e as segundas a grupos sociais (Rodrigues 1993: 30-31):

Os Iapoês , como também os Chinas, não escreuẽ suas escrituras, liuros, & cartas com a frase commum, & estilo vulgar cõ q□ fallam, nẽ fallaõ cõ o estillo cõ q□ escreuẽ, mas hum he o estillo de falar ordinario, & outro o cõ q□ escreuem mui diferentes entre si na frase, nas terminaçoens das vozes (...).

No vso destes verbos, & particulas sempre se tem respeito à pessoa, com quem, de quem diante de quem, & cousas de que se falla; de modo que he necessario aprender a falar esta lingua com honra, & cortesia, ou sem ella (...).

A obra do missionário português ocupa um lugar importantíssimo na história da linguística por evidenciar todas as características necessárias para a aprendizagem da língua nipónica. Não obstante, a gramática é usada até aos dias de hoje como método de estudo do japonês medieval pelos estudantes de japonês nas universidades ou por estudiosos da área da linguística. Isso só demonstra a importância histórica da Arte.

### 3.3. A língua japonesa segundo João Rodrigues

O Pe. João Rodrigues explica nas “Advertências” que a língua japonesa é de extrema riqueza, ainda mais do que as línguas europeias. Tal riqueza deve-se graças à longa tradição escrita que o japonês possui. Ao contrário dos portugueses, que recorrem aos meios não verbais, os japoneses possuem e conseguem expressar-se por certos meios verbais:

*E posto q̄ esta lingua ã algũas cousas seja defectuosa por carecerẽ os nomes de variedades de casos, & não terẽ distincão de numero plural, & singular, nem de genero, & os verbos carecerem de variedade de pessoas, & de plurala, & singular, & por outros defectos que não se achão nas lĩgoas de Europa: toda via por outra parte he muy copiosa, & elegante assi pollos muytos vocabulos que tem pera significar hũa mesma cousa, hũs mais proprios que outros, como pollas varias composições de hũs verbos com outros, & dos nomẽs entre si: as quaes composições com brevidade , & energia exprimẽ cousas, & acções q̄ em nossas lingoas não se podem bem exprimir, ou não sem rodeos. & assi mesmo pollos muitos adverbios q̄ com grãde propriedade significão particulares circunstãcias das cousas, & das acções: de sorte que em gram parte o q̄ nos significamos com gestos, & movimẽtos de mãos, significão os Iapões cõ suas composições, & adverbios: mas no que esta lingoa se assinala, & he diversa de quantas temos noticia, he na maneira de respeitos, & cortefias que incluimos nos modos de falar quafi univèrfalmente: por que tem verbos acõmodados pera falar de peffoas, & com peffoas baixas, & altas, & tẽ varias particulas que se ajutão aos verbos, & nomcs, respeitando sempre a peffoã cõ quẽ, de quẽ, & de q̄ cousas fala pera usar de taes particulas, & verbos conforme a calidade de cada hũ; de modo que se não pode aprender sem juntamente se aprender a falar com honra, & cortefia (Rodrigues 1969: 8-9).*

Não obstante, ele também comenta que o alfabeto japonês e a maneira de escrita veio da vizinha China. Por exemplo, Rodrigues escreve que “Os Iapões & Chinas não tem Alphabeto do letras soltas como nos, mas usam no escreuer se caracteres, ou figuras significatiuas (...)” (1604-8: 117) e “E posto que este tratado impropriamente se pode chamar Alphabeto de Iapão, podemos dizer que os Iapões não tem Alphabeto, pois deste usam soamente os ignorarres, & molheres em coufas de pouca importancia, & não em cartas (...)” (1604-8: 118).

Como referido em relação à *Arte Breve*, o missionário teve muito atenção em relação a todas as variedades do japonês, desde os adjetivos, a língua feminina e a masculina, o japonês dos nobres e o japonês do povo, e também a diferença entre a língua escrita e oral. Ao explicar como o livro é dividido em três partes e o que cada uma delas vai possuir, ele chega a comentar que “*No segundo livro se trata da syntaxis <...> & dos barbarismos: onde se poem algũs modos de falar particulares de certos reynos, & lugares, & se trata dos accentos, & modo de pronunciar desta lingoa*” (Rodrigues 1969: 10).

Ainda nas “Advertências”, menciona que os japoneses não escrevem como falam, ainda por cima por falarem de maneira vulgar. Refere que é necessário aprender esta diferença pois a língua nipónica tem a língua da prática, ou seja, a língua oral, e a língua da escrita (1969: 7):

*Tambem os Iapões por nenhum modo escrevem suas escrituras com o estilo vulgar com que falão, mas hũ he o estilo da pratica & o falar quotidiano, outro o da escritura, de livros, & cartas, muy diferentes entre si na frase, nas terminações dos verbos, & particulas de q□ usam: & por esta causa no discurso desta Arte dizemos, affi se usa na pratica, & affi na escritura: donde tambem se segue q□ esta lingua contem em si quase duas, convẽ a faber, lingua da pratica, & lingua da escritura.*

Uma outra particularidade da língua japonesa é a especificidade do discurso feminino, comparada com o discurso masculino. Ele refere que os termos *Yo*, *Yono* e *Zo* são utilizados pelas mulheres ao se referirem a si mesmas, ou utilizados pelos homens quando querem referir-se ao sexo feminino.

A *Arte da Lingoa de Iapam* foi redigida tendo em mente o dialeto da antiga capital do Japão, Quioto. Notando, desde cedo, que a língua japonesa não era uniforme e que todas as regiões do território não tinham o mesmo dialeto, Rodrigues dá informações sobre o assunto na sua obra, para que os missionários tivessem atenção à variedade linguística. Tal aspeto é descrito em diversos momentos diferentes da *Arte*:

*Estas palavras e quiuocas acima postas, & outras semelhantes os Iapoës do Miyaco as distinguem com seus acentos particulares, & naturais que tem, mas os do Ximo, & de outras partes as pronunciam impropriamente, & muytas deilas às auifas. Pello que quando usarmos de semelhantes equinocos, pera se entender o que se fala, he bom acrescentar ás tais palavras alguã coufa, com que se distingam* (Rodrigues 1604-8: 349).

*Pofio que os Iapoens nam tratem dos accentos desta lingoa no que toca ao falar como esta dito, como tudo no pronunciar ten: (ilegível), ou fonfonete, ou accentos, & modo de pronunciar natural cõ que difinguem as fylabas, & palauras muy claramente, afi as equiuocas entre fi, como as de mais: o qual fonfonete, ou accento que he uario em Iapam conforme ao ufso de uarios reyno delle, o proprio, & natural de toda esta lingoa (...)* (Rodrigues 1604-8: 345).

*Em alguns reynos e Iapan ha muytos modos de falar, & palauras proprias a que chama. Cuniquiödan. i. Palauras proprias de algum reyno, ou terra: ha tambem no pronanciar muytos abufos (...)* (Rodrigues 1604-8: 337).

O Japão desde os tempos antigos que é uma sociedade bastante hierarquizada, uma característica que permanece até aos dias atuais. Todos nós temos diferentes maneiras de nos dirigirmos aos outros dependendo do grau de proximidade, idade e nível social. Por tal motivo, para além do Pe. João Rodrigues mencionar as variações linguísticas devido aos diferentes acentos das diferentes províncias, ele também relata as variações sociolinguísticas. Wenceslau de Moraes mencionou nas suas cartas para *O Comércio do Porto* como a sociedade japonesa era estratificada: no topo temos o Imperador, militares, *daiymōs* e outros lordes, em segundo lugar os comerciantes e, por último, o resto do povo que trabalha no arroz e vive no interior das províncias do Japão. Por tal motivo, e de forma a avisar os jesuítas de tais acontecimentos, Rodrigues relata as partículas de honra que a língua japonesa possui:

*Toda a elegancia desta lingoa confiste em faber usar de uarias honras, & particulas que pera ifso tem dando a cada coufa seu lugar. De ires fortes podemos trata de estas honras respeitando sempre, quem fala, quem se fala, diante de quem, & de que coufas: por que tudo isto he neceffario. Primeiramente podemos tratar destas honras, em quanto tem esta lingoa uarias partículas afsi honoratiuas como humiliativas que se ajuntam foamente a nomes (...)* (Rodrigues 1604-8: 315).

Na *Arte da Lingoa de Iapom* não temos somente a explicação da língua japonesa, a sua funcionalidade e características, mas temos também certas comparações que o jesuíta português faz entre o latim, português e o japonês, o que apenas nos demonstra a competência que Rodrigues tinha nas três línguas em questão, e que faz esta gramática ser tão emblemática e secular.

### 3.4. Como introduzir a língua portuguesa na língua japonesa

Uma das vias de influência da língua portuguesa no japonês foi a das trocas comerciais, sendo que o português era considerado a “língua-franca”, e através da missão. Por tal motivo, uma grande parte dos termos que passaram para o vocabulário do quotidiano japonês respeita ao campo semântico do cristianismo.

Na gramática, Rodrigues escreveu um capítulo intitulado “DO MODO DE INTRODUIR ALGUNS vocabulos nossos na lingua Iapoa de que carecem & de como se deve pronunciar”. Rodrigues considera as seguintes possibilidades de introduzir vocabulário da tradição judaico-cristã ocidental no japonês: utilizar termos já existentes em japonês ou adaptar tais conceitos de maneira a familiarizá-los junto dos japoneses; a segunda seria usar os termos do português com a fonética japonesa:

*Porque na lingua de Iapam faltam algũas palauras para explicar muytas coufas nouas que o fagrado Evangelho traz configo, he necessario ou enuentar de nouo, o que em Iapam he difficil, ou tomalas da noffa lingua corrompondo as conforme melhor cayr, na pronunciaçam de Iapam ficando como naturais. E porque a lingua portuguefa, combina muyto com a Iapoa, em muytas fyllabas & na pronunciaçam, comũmente dela se podẽ tomar os taes nomes, pofto que tambem alguns se tomaram da latina. Efes nomes ou sam que pertencem a Deus, aos fanttos, ou às virtudes & a algũas outras coufas de que carecem.*

*Pero o qual se deue notar que toda a palavra Iapoa acaba em uogal, ou nas consoantes, N, T. Item carecen do uso das liquidas, L, R, & de outras letras intermedias como ipse, tadus, opto, &c. Item das fyllabas, Di, Du, Ti, Tu, como em outra parte se diße: & conforme a isto se deuen acomodar os tais nomes, aßi os que se poem aos Christans, como outros (Rodrigues 1604-8; 357-358).*

A segunda hipótese é a que mais lhe agrada. Ao longo da gramática, Rodrigues dá exemplos do próprio latim e português para exemplificar algum termo da língua japonesa, para além de mencionar diversas vezes que as línguas são semelhantes, tanto nas sílabas como na pronúncia, havendo fonologias similares. Rodrigues não é o único a ter esta

mesma opinião, visto que Wenceslau de Moraes, nas suas *Cartas*, refere numerosas vezes a parecença destas duas línguas, considerando ser essa a razão de alguma proximidade entre os dois povos.

Ele explica as características da língua japonesa que são necessárias tomar em conta para acomodar foneticamente os termos do português. Por exemplo, as palavras nipónicas terminam sempre com uma vogal ou a consoante *N* e *T*, a não existência dos sons *L* e *R*, além do desconhecimento das sílabas “*Di*”, “*Du*”, “*Ti*”, “*Tu*”. Rodrigues era um forte conhecedor da língua do Japão e talvez, por essa mesma razão, tenha tido sempre em mente as condições e aspetos da língua, de forma a conseguir arranjar soluções para o problema dos empréstimos, sendo o mais flexível possível.

Logo depois de explicar como é que os vocábulos religiosos podem entrar no quotidiano dos japoneses, ele apresenta uma lista dos vocábulos exemplificativos (Rodrigues 1604-8: 358):

#### OS QUE PERTENCEM A DEVS.

- Deus, Trindade, Padre, Filho, Espírito sancto, Iesus, Iesu Christo, Diuidade, Humanidade, Pessoa, I, Pessoa, &c.

#### AAS CREATURAS.

- Natural, 1, Natureza, Anjo, Arcanjo, Espírito, Espiritual, Corporal, Lucifer, Anima, Vegetativa, Sensitiva, Racional, Entendimento, Memoria, Vontade, Consciencia, Imaginação, Escritura, Inferno, Paraíso, Paraíso terreal, Purgatorio, Limbo, Juizo, Diluio, Empirio.

#### NOMES DAS VIRTUDES ACABADOS

em, An, dade, &c.

- Tentação, Confissão, Contrição, Satisfação, Justificação, Purificação, Inspiração, Deução, Perfeição, Obrigação.

- Caridade, Castidade, Humildade, Humanidade, Diuidade, Virgindade.

- Prudencia, Consciencia, Sapiencia, Potencia, Justiça, Indulgencia, Eucharistia, Misericordia, Profecia.

- Temperança, Esperança, Perseverança, Benaventurança, Graça. Porque Gracia corre por nome de molheres.

- Sacramento, Mandamento, Testamento, Batifmo, Penitencia, &c.

- Imagen, Contas, Contabenta, Jejum, Disciplina, Virgen, Orden, Cruz, Oratio, 1, Oraçan, Virtus, Virtude, Beato, Iusto, Santo, Agnus Dei, Fides, Misfa, Matrimonio, Martyr, Paision, Natal, Nascimento, Pascoa, Quaresma, Ecclesia, Somanafanta.

Mortal.

Venial. > Toga.

Original.

Os vocábulos que Rodrigues quer que sejam introduzidos não dizem só respeito a Deus, mas também às diversas divindades que fazem parte do cristianismo, de elementos sagrados e virtudes que um cristão deve ter. Devido ao facto de as duas línguas, apesar das suas semelhanças, serem bastante diferentes no que concerne ao campo semântico da religião, João Rodrigues escreve algumas considerações em relação à fonologia do japonês e de que maneira, então, as palavras portuguesas teriam que mudar para adaptar-se à fonologia da língua japonesa.

*Nota-se, que posto que os Iapoens pronunciam toda a sua lingua com syllabas simples de hũa consoante, & hũa vogal, v. g. Padre, dizem, Patere, Trindade, dizem, Chirindade, Natal, Nataru, Ecclesia, Yequerejia, &c. Todavia, quando escreuermos em noffa letra os taes nomes he bom escreuelos a noffo modo, & nam ao feu (Rodrigues 1604-8: 358).*

No entanto, e apesar de Rodrigues querer introduzir tais termos na língua japonesa, ele considera que traduzir tais expressões palavra por palavra vai alterar o verdadeiro sentido do termo, para além de considerar como um barbarismo. O missionário escreve sobre a esse respeito, explicando que:

*Barbarifmo na lingua de Iapam se pode chamar, quando se ufa do Tenifa onde se nam deue como ufar da particula. No, onde nam se ufa & outras semelhantes. Hem ufar de vocabulos, & de alguns modos de falar propios de alguns reynos, & da pronunciaçam barbara delles como a baixo se dira em particular. Hem ufar da lingua de Iapam apertuguesadamente usando della com nofsos modos & frases ou declarandoa palaura por palaura, & nam ao*

*sentido, como também logo se apontara em hum capítulo particular*  
(Rodrigues 1604-8: 337).

Prestemos muita atenção à afirmação “Hem usar da lingua de Iapam aportuguesadamente usando della com nossos modos & frases ou declarandoa palavra por palavra, & nam ao sentido”. Isto remete à explicação anterior, que não devemos traduzir um termo literalmente, sem termos atenção à língua alvo. Algumas páginas depois, e também de modo a alertar os novos jesuítas que estão a aprender a língua, descreve novas maneiras de como os missionários podem cometer este barbarismo e de que forma evitá-los:

#### *DE ALGUNS MODOS IMPROPRIOS DE*

falar com que se faz barbara a lingua, & obscura.

*Todos estes modos improprios no falar se podem polla mor parte reduzir a tres cabeças. Primeiramente no modo de explicar a noffa lingua na Iapoa & a Iapoa na noffa, & o ufo dalgũas palauras. Segundo, nas honras & cortefias, & uso das particulas de honra & dos verbos honrados, & humildes, & verbos fimples. Terceiro nos accentos, & modo de pronunciar.*

#### *ERROS NO MODO DE EXPLICAR*

*a noffa lingua na Iapoa.*

*No explicar & traduzir a nossa lingua na Iapoa, pera goardarem a tresladaçam fiel nam se deue traduzir frafe por frafe, palaura por palaura, nem usar na lingua de Iapam de nossas metaforas, por que isto faz a oraçam barbara, & obscura, & o tal modo de explicar he muyto errado, pois cada naçam tẽ varias metaforas, & modos com que explica os conceitos: pello que no traduzir hũa lingua em outra pera que fique clara, & elegante, foamente se ha de ter [ininteligível]<sup>19</sup> com o sentido, explicandoo por frases Iapoas. Assi*

---

<sup>19</sup> Não conseguimos ter acesso à edição da gramática de 1976 – *Arte da Lingoa de Iapam*. Edição fotocopiada com notas e comentários de Tadao Doi e Ken Mihashi, Tóquio, Benseisha – para esclarecer a leitura da palavra em questão.

*como quando em noſſa lingua dizemos: IESU Chriſto Noſſo ſenhor pello grande amor que teue aos homens, quis morrer na cruz: ſe hum quiſer goardar as palavras como ſoam dira aſſi (...). Porque doutra maneira nam ſignifica que morreo mas ſoo que teue uontade de morrer (Rodrigues 1604-8: 341-342).*

Para Rodrigues, o mais importante a evitar-se são os barbarismos e os termos “impróprios”. Considera muito errado traduzir palavra por palavra, pois para além de se perder o sentido global, cada país possui metáforas diferentes, a maneira como funciona cada língua é distinta e o resultado final não fica claro nem elegante.

A gramática foi publicada, a primeira parte, em 1604, o que nos leva a crer que Rodrigues começou a redigi-la bem antes. Ao ser expulso em 1610 e exilar-se em Macau, mesmo que continuasse a ter ligações ao Japão, a verdade é que pode não ter tido conhecimento das palavras que acabaram por entrar no vocabulário quotidiano japonês.

Das palavras religiosas, e que eram o foco do jesuíta, entraram para o japonês as seguintes: *Iesu* (Jesus), *Kirisuto* (Cristo), *baterem* (padre), *pādore* (variante de padre), *iruman* (irmão), *kirishitan* (cristão), *kurusu* (cruz), *rozario* (rosário) e *sabato* (sábado), entre mais algumas outras que acabaram por cair em desuso. Entre estes termos, os únicos que acabaram por entrar no leque japonês por sugestão de Rodrigues foram *Iesu* e *Christo* (que em japonês romanizado se escreve *Kirisuto*). Observa-se que muitas destas palavras são igualmente mencionadas por Moraes, sob a advertência de que “Os portugueses trouxeram ao Japão ideias novas, objectos novos. Disto resultou naturalmente a adopção, na linguagem do país, de muitos termos nossos; (...) Avultam, como facilmente se imagina, os termos religiosos” (1973: 149-150).

Supomos que existem motivos para as restantes palavras que Rodrigues refere não terem tido tanta sorte: a oposição ao cristianismo; a expulsão dos missionários; ou, tal como explicou Rodrigues, as diferenças fonológicas, semânticas e os problemas de tradução, que terão impedido maior influência do português.

Independentemente de qual tenha sido a causa ou razão, a verdade é que a gramática *Arte da Lingoa de Iapam* é de extrema importância, não só pelo seu valor histórico, gramatical e cultural, mas também porque conseguimos ver as ideias de Rodrigues, ainda para mais por ser um jesuíta com ideias modernas para a sua altura.

Ele acreditava que não se deviam fazer traduções literais pois, se traduzíssemos literalmente a passagem da Bíblia a respeito de como Cristo amou tanto a humanidade *que se quis* sacrificar por nós, os japoneses poderiam ou acabariam por pensar que Jesus apenas

quis morrer, mas não que morrera. Isto só demonstra a desenvoltura do missionário português, graças à sua experiência como intérprete desta língua do Oriente.

## Conclusão

Com a globalização e os avanços tecnológicos, conseguimos encontrar qualquer informação na internet apenas com um simples clique. Ainda mais fácil do que isso, é conhecermos novas culturas, formar laços de amizade com pessoas do outro lado do mundo e aprender línguas que outrora seria quase impossível. Atualmente, e com a ajuda das redes sociais, aplicações ou até mesmo com o *Google*, conseguimos aprender uma nova língua num espaço de um ano dentro da nossa própria casa, sem nem ao menos termos que pagar por tal.

Isso só nos demonstra como é que o mundo evoluiu com o tempo e conseguimos imaginar o quão difícil era, na época dos Descobrimentos, aculturar-nos a uma nova cultura, com uma língua que desconhecíamos, com pessoas de uma etnia, moral, religião, comportamento, vestuário diferentes na nossa.

Na verdade, e se não nos focarmos nos aspetos menos positivos dos Descobrimentos, que também existem, é admirável a capacidade que os portugueses tiveram de se aventurar pelo mar, a coragem que tiveram de enfrentar os seus próprios medos e monstros, tudo pelo amor à Pátria e para a descoberta de novos países com culturas e conhecimentos diferentes.

Infelizmente, não aprendemos muito sobre a chegada dos portugueses a Tanegashima, Japão, em 1534. Na realidade, muitos portugueses nem sequer conhecem a influência que os missionários tiveram no território, o motivo por detrás da entrada no Japão e a forma como a língua portuguesa influenciou até hoje a língua japonesa. Devido a isso, os estudos entre as influências linguísticas entre estes dois países são poucos, e a sua maioria datados de dez, cinco anos atrás.

Por tal motivo, esta dissertação teve como principal objetivo a abertura de portas para a investigação e partilha de conhecimento sobre o tema, desde a forma funcionou o Japão da Era Medieval, até à chegada da primeira embarcação portuguesa, os principais objetivos e o começo da missionação, passando, então, para as relações linguísticas e com o apoio e suporte de dois livros emblemáticos e seculares, que são importantíssimos se quisemos falar entre as relações Portugal-Japão. São eles as *Cartas do Japão* de Wenceslau de Moraes e a gramática *Arte da Lingoa de Iapam* do Padre João Rodrigues.

Recapitulando, o Japão, desde sempre fechado para o mundo exterior, no século XVI estava fragmentado social e politicamente. Apesar de o papel do Imperador ser o mais importante e representar o topo da hierarquia, a verdade é que nesta era sobretudo religioso e simbólico. Como tal, o Japão estava dividido em diversas unidades políticas sob o controlo dos *daimyōs*, os lordes feudais.

Foi com a ascensão de Oda Nobunaga, autointitulado *shogūn*, que a unificação do país começou a ser feita. A 23 de setembro de 1543, embarca no porto de Tanegashima a primeira embarcação ocidental no país, levando a bordo os tripulantes António da Moto, António Peixoto e Francisco Zeimoto. Desde o início que os portugueses se aperceberam que podiam utilizar o Japão para as trocas comerciais com a China, visto que os dois países tinham conflitos entre si, e, aproveitando tal oportunidade, os portugueses permaneceram para realizar as trocas comerciais.

Foi com a chegada de São Francisco Xavier ao país que a evangelização começou a ser feita. Apesar de os jesuítas não terem sido bem aceites no início, com o tempo a cristianização começou a espalhar-se e os missionários tiveram êxito na sua tarefa, principalmente pelo apoio de Nobunaga; assim, não só ajudavam o país a crescer financeiramente, mas também conseguiram implementar a religião contra os budistas.

Os missionários não tiveram a mesma sorte quando Oda faleceu e Toyotomi Hideyoshi tomou o seu lugar. Apesar de inicialmente conviver com os jesuítas e deixar que o cristianismo se propagandasse, em 1587 o militar promulgou o primeiro édito anticristão, que não foi totalmente respeitado. No entanto, quando Tokugawa Ieyasu subiu ao poder, as perseguições aos jesuítas e cristãos começaram, havendo o Martírio de Nagasaki em 1597. Os portugueses só voltaram a entrar novamente no território no século XIX, quando os Estados Unidos forçaram a abertura do Japão ao mundo.

Independentemente disso, os portugueses acabaram por influenciar fortemente os japoneses, desde as ciências náuticas, a tipografia, arte, arquitetura, entre outros aspetos. A influência mais importante que os portugueses tiveram no Japão foi, definitivamente, a língua. Os portugueses conseguiram levar *gairaigos* para o japonês através das trocas comerciais e da religião. Apesar de termos introduzido milhares de termos, atualmente só existem algumas centenas de palavras de origem portuguesa no léxico japonês, muitas delas descritas nas *Cartas do Japão* de Wenceslau de Moraes. O português decidiu viver permanentemente no Japão em 1898, onde permaneceu até ao dia da sua morte, em 1929, sempre com uma forte ligação à cultura japonesa, considerando-a soberba e comparando-a inúmeras vezes à cultura europeia.

As *Cartas* são uma coletânea dos seus pensamentos, vivências e experiências no país nipónico, tendo como principal interesse dar a conhecer aos comerciantes portugueses algo sobre o País do Sol Nascente, para assim fomentar as trocas comerciais entre os dois países, que vinham do passado. Para além disso, Moraes dá-nos a conhecer a língua nipónica, comparando-a à língua portuguesa, desde a sua riqueza, a gramaticalidade, a sua literatura e os referidos termos que foram introduzidos pelos portugueses na língua japonesa.

Já João Rodrigues, autor de outros tempos, dá-nos uma visão diferente das trocas linguísticas. Quando este Padre chegou ao Japão, em 1577, a missionação no território já tinha começado há alguns anos e estava no seu auge. Na época dos Descobrimentos era normal o envio de jovens missionários para os espaços ultramarinos, jovens que coadjuvavam nas cerimónias religiosas e aprendiam mais facilmente a língua nativa. De facto, o missionário português adquiriu um notável conhecimento da língua japonesa, atuando como intérprete de Alessandro Valignano e de Oda Nobunaga, que lhe valeu o codinome “*Tçuzzu*”, isto é, “intérprete” em japonês. Graças à sua agilidade e fluência na língua japonesa, e de modo a ajudar os outros jesuítas a compreenderem um pouco mais a língua japonesa, escreveu a *Arte da Lingoa de Iapam* que foi publicada entre 1604 e 1608.

Nesta obra dividida em três partes, ele explica aspetos importantes da escrita e gramática da língua, como classes de palavras e muitas regras do seu uso na língua japonesa, outras questões de morfologia, variações dialetais, e matérias mais práticas, tal a numeração e formas de indicar.

Sendo assim, e tendo conhecimento do português e do japonês, João Rodrigues acaba por descrever muitas palavras do foro religioso que passaram para o vocabulário comum do japonês, além de explicar os seus usos, particularidades e técnicas de tradução, que não deve ser feita palavra por palavra, sob pena de se perder o significado original, mas por adaptação/interpretação dos termos.

O tema das relações linguísticas entre Portugal e Japão não é do conhecimento do público geral, razão por que esperamos que esta dissertação seja uma porta de entrada e contributo para outras investigações mais aprofundadas sobre o tema, nomeadamente para uma análise mais fina de influências linguísticas, atestadas em escritores e obras coevos, nem sempre muito conhecidos.

**Folha em branco**

## Referências bibliográficas

### Fontes primárias

MORAES, Wenceslau de, *Cartas do Japão Vol. I*, Portugal – Brasil: Sociedade Editora, 2<sup>a</sup> Série – 1907 -1908, Lisboa, s.d (Prefácio de 1927).

MORAES, Wenceslau de, *Cartas do Japão Vol. II*, Portugal – Brasil: Sociedade Editora, 2<sup>a</sup> Série – 1909 -1910, Lisboa, s.d.

MORAES, Wenceslau de, *Cartas do Japão Vol. III*, Portugal – Brasil: Sociedade Editora, 2<sup>a</sup> Série – 1911 -1913, Lisboa, s.d.

MORAES, Wenceslau de, *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*, Prefácio de Bento Carqueja, Livraria Magalhães & Moniz, Porto, 1904.

MORAES, Wenceslau de, *Os Serões no Japão*, Livraria A. M. Ferreira, Lisboa, 1973.

RODRIGUEZ, João, *Arte Breve da Língua Iapoa*, Fac-simile do original existente na Biblioteca Nacional da Ajuda, com transcrição e tradução japonesa de Hino Hiroshi, Instituto Português do Oriente/Fundação Oriente, Macau/Lisboa, 1993.

RODRIGUEZ, João, *Arte da Língua de Iapam Com licença do Ordinário, e Superiores em Nangasaqui, no Collegio de Iapão da Companhia de Iesu*, Tokyo, 1969.

RODRIGUES, João, *Arte da Língua de Iapam, Com licença do Ordinário, e Superiores em Nangasaqui, no Collegio de Iapão da Companhia de Iesu*, 1604-8. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=GB8YAAAAYAAJ&printsec=frontcover&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=GB8YAAAAYAAJ&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)>. Data de acesso: 5 de julho de 2021.

### Fontes secundárias

ARAUJO, Gabriel Antunes de & AIRES, Pedro (org.), *A língua portuguesa no Japão*, Paulistana Editora, São Paulo, 2008.

ASSUNÇÃO, Carlos & FERNANDES, Gonçalo, Contributos da Língua Portuguesa para as descrições das línguas do Oriente, *Lusofonia e francofonia: A aliança da “latinoesfera”*, 2017, pp.61-79.

ASSUNÇÃO, Carlos & FONSECA, Maria do Céu Fonseca, *A arte da Grammatica da Língua mais usada na costa do Brasil*, de João de Anchieta, no quadro da gramaticalização de

vernáculos europeus. In: Rio-Torto, Graça Maria, Figueiredo, Olívia Maria e Silva, Fátima (coord.), *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, vol. II, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2005, pp.161-175.

BARRON, J. P. & MARUYAMA, Toru, Interpreting the Interpreter, *Nanzan Kokubun Ronshu*, n.º 23, 1999, pp. 1-19. Disponível em: <https://www.joao-roiz.jp/mtoyo/Sernancelhe/Maruyama/Baron-Maruyama-interpreting-interpreter.pdf>.

Acesso em: 7 de julho de 2021.

BOSSANG, Georg, O elemento português no japonês, in MENDES, M. (org.) *A Língua Portuguesa em Viagem*, Frankfurt, 2003, pp.213-236.

CAPITÃO, Maria Margarida da Silva Faria, *Entre duas civilizações: O Universo de Leituras em Wenceslau de Moraes*, Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, mar., 2012.

CARDOSO, Hugo C., O português em contacto na Ásia e no Pacífico, In: Martins, Ana Maria e Carrilho, Ernestina (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*, De Gruyter, Berlin/Boston, 2016, pp. 68-97

CARVALHO, Daniela de, **Nambanji**: *Sobre os Portugueses no Japão*, *Antropológicas*, n. 4, 2000, pp.132-148.

CARVALHO, Virgílio de, *Portugal pioneiro universal em estratégia marítima e naval*, *Congresso Internacional sobre Bartolomeu Dias e a Sua Época*, Universidade do Porto, 1899, pp.38-51.

CASTRO, J. F. P., Wenceslau de Morães: acculturation between ideals and life experiences, *Religacion*, *Revista de Ciencias Sociales y Humanidades*, 4, 2017

COSTA, João Paulo A. Oliveira e, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1998.

COELHO, Ana Elisa Eirinha Martins, *Imagens do Oriente, em particular do Japão, na correspondência de Wenceslau de Moraes*, Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto, nov., 2016.

COOPER, Michael, S.J., Rodrigues: *O intérprete. Um Jesuíta no Japão e na China do Século XVI*, Lisboa, Quetzal Editores, 2003.

COOPER, Michael, *João Rodrigues Account Sixteenth-Century Japan*, London, The Hakluyt Society, 2001.

CORREIA, Margarita & LEMOS, Lúcia San Payo de, *Inovação lexical em português*, Colibri, Associação de professores de Português, Lisboa, 2005.

DALGADO, Sebastião Rodolfo, *Influência do vocabulário português em línguas asiáticas: abrangendo cerca de cinquenta idiomas*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1913.

DOI, Elza Taeko, Arte da Lingoa de Iapam e Arte Breve da Lingoa Iapoa, de Pe. João Rodriguez (A pronúncia do Japonês e a Ortografia), *Estudos Portugueses e Africanos*, n. 11, Campinas, jan./jun., 1988, pp.55-63.

DOI, Tadao, *Kirishitan Gogaku-no Kenkyû (Pesquisas sobre a Linguística Missionária)*, Tóquio, 1971.

FERNANDES, Gonçalo & Assunção, Carlos, First grammatical encoding of Japanese Politeness (17th century), *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, v.13, n.1, jan.-abr. 2018, pp.187-203. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222018000100011>. Acesso em: 25 de junho de 2021.

FARACO, C.A, Empréstimos e Neologismos: Uma breve visita histórica, *Alfa*, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://piwik.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/4190/3788>. Acesso em: 5 de julho de 2021.

FRÓIS, Luís, *Historia de Japam*, Biblioteca Nacional, José Wicki S.J. (ed.), Lisboa, 1976-1984.

FONSECA, Maria do Céu, Portuguese missionary linguistics: linguistic thought and gramatical theory in Luso-Oriental works of the seventeenth century, *Alfinge - Revista de Filología*, 18, 1, 2006, pp. 29-42.

FUZI, Estela Okabayaski Uma Síntese da Influência da Cultura Lusíada no Japão, *Signum: Estudos Linguísticos*, n. 7/2, dez. 2004, 13-25. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/3901/3134>. Acesso em: 30 de junho de 2021.

GIL, Sara Margarida Ruano, *História da Língua Portuguesa no Japão e as Problemáticas do seu Ensino*, Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, jun., 2015.

GORDON, Andrew, *A Modern History of Japan: From Tokugawa Times to the Present*, Oxford University Press, New York, 2003.

IESUS, *Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Iesus escreverão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India, & Europa, des do anno de 1549, até o de 1580, Primeiro Tomo, Nellas se conta o principio, socesso, & bondade da Christandade*

*daquelas partes, & varios costumes, & idolatrias da gentildade, Impressas por mandado do Reverendissimo em Christo Padre Dom Theotonio de Bragança Arcebispo d'Evora... Em Evora por Manuel de Lyra, Anno de M.D.XCVIII, 2º vol, Castoliva Editora Lda, Maia, 1997. [Edição fac-smilada da edição de Évora de 1598]. Disponível em: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bg5/UCBG-VT-18-9-17\\_18/UCBG-VT-18-9-17\\_18\\_item1/P1.html](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg5/UCBG-VT-18-9-17_18/UCBG-VT-18-9-17_18_item1/P1.html). Acesso em: 21 de agosto de 2021.*

JANEIRA, Armando Martins, *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*, Conferência proferida no Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1970.

JR., Plinio Ribeiro, *Ecos lusófonos no Japão: a era Meiji vista por Wenceslau de Moraes, Svět literatury – Časopis pro novodobé literatury (World of Literature – Journal for Modern Literatures)*, Charles University in Prague, República Checa, 2017, pp.119-124.

KIM, Tai Wan, *The Portuguese element in Japan: A critical survey with glossary*, Tese de Doutoramento, Coimbra, 1976.

KOSARIK, Marina A., *Questões de apologia e de norma na linguística missionária portuguesa: Arte da Língua de Iapam de J. Rodrigues (1604-1608)*, Universidade Estatal de Moscou Lomonosov, N° 57, Rio de Janeiro, 2019, pp.59-74.

MANSO, Maria de Deus Beites, *A Companhia de Jesus e as culturas não ocidentais: o caso do Padre António Vieira*, Universidade de Évora, Évora, 2010.

MARQUES, Inês Patrícia da Silva Matos Serras, *O Espaço do Português no Japão – Presença, Evolução e Futuro da Língua Portuguesa no Estado Nipónico*, Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, mar., 2017.

MARUYAMA, Toru, *Influência dos Textos Portugueses no Estudo da Língua Japonesa Medieval*, Instituto Oriental, Lisboa, 1992.

MARUYAMA, Toru, *Obrigado e Arigatoo, Nanzan Studies on Japanese Language and Culture*, Nanzan University, Nagoya, Japan, 2003.

MELO, Arthur, *Conceitos de tradução e cultura na gramática Arte da Língua de Iapam (1604-1608) do missionário jesuíta português João Rodrigues*, Monografia, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2013.

MILLER, Roy Andrew, *The Japanese language*, The University of Chicago Press, Chicago, 1967.

MORAES, Wenceslau de, *Relance da Alma Japoneza*, Portugal – Brasil: Sociedade Editora, Lisboa, 1928.

MORAES, Wenceslau, *Cartas do Japão Vol. II, Prefácio de Vicente Almeida d'Eça*, Liv. Magalhães & Moniz, Porto, 1904. Disponível em: <https://archive.org/details/cartasdojapoo2mora/page/n1/mode/2up>. Data de acesso: 1 de julho de 2021.

MORAES, Wenceslau de, *Dai-Nippon, Introdução de Celina Silva*, Livraria Civilização Editora, Porto, 1983.

MORAES, Wenceslau de, *Relance da alma japoneza*, Imprensa Lisboa-Brasil, Lisboa, 1922.

MORAES, Wenceslau de, *A vida japoneza, Terceira serie de Cartas do Japão*, Liv. Chardron de Lello & Irmão, Porto, 1907.

MORRIS, James Harry, *Rethinking the History of Conversion to Christianity in Japan: 1549-1644*, Tese de doutoramento, University of St Andrews, Escócia, jul., 2018.

NUNES, Elisa Akiko Maruyama, *As Formas de Tratamento em Japonês e Português na Perspectiva da Teoria Pragmática da Polidez*, Monografia para a obtenção do título de Bacharel em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

OTAKE, Margaret Pine, *Gairaigo – Remodeling Language to Fit Japanese*. 国際言語文化学科、東京成徳大学人文学部研究紀要第15号, 2008. Disponível em: <http://www.tsu.ac.jp/bulletin/bulletin/pdf/15/087-101.pdf>. Acesso em: 5 de julho de 2021.

OLIVEIRA, Thiago Soares de, A sociolinguística e a questão da variação: um panorama geral, *Revista Letras*, v.19, n.25, Curitiba, jan./jun. 2017, pp.1-18.

PELLICIA, Carlo, Notas sobre a influência da cultura portuguesa no Japão (Séculos XVII e XVIII): o legado dos missionários europeus, *Antíteses*, v. 10, n. 20, jul./dez. 2017, p.631-655.

PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinação, transcrição de Adolfo Casais Monteiro*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1983.

PRAZERES, Raquel Sofia Baptista dos, *Visões do Oriente: O Budismo no Japão aos olhos de João Rodriguez Tçuzzu*, Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: [http://run.unl.pt/bitstream/10362/9155/1/Raquel%20Prazeres\\_TeseMestrado.pdf](http://run.unl.pt/bitstream/10362/9155/1/Raquel%20Prazeres_TeseMestrado.pdf). Acesso em: 5 de julho de 2021.

RESENDE, Helena Maria de, O Outro Civilizacional: O Japão do Século XVI visto pelos olhos de um jesuíta português, *Revista de História das Ideias*, Vol. 35, 2ª série, 2017, pp.279-299.

SÁ, Michele Eduarda Brasil da, A Arte da Língua de Iapam, de **João Rodrigues “Tçuzzu”**, *Cadernos do CNLF*, Vol. XIV, N. 4, t. 3, 2010, pp.2050-2055.

SÁ, Michele Eduarda Brasil de, Jesuítas no Japão – Conflitos Religiosos e a Política do Sakoku, *Revista Litteris*, n. 14, set., 2014, pp. 252-265.

SÁ, Michele Eduarda Brasil de, Contar como se conta: os numerais japoneses na **Arte da língua de Iapam**, de João Rodrigues “Tçuzzu”, *Revista Litteris*, n. 5, jul. 2010, 13 p. Disponível em: [http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Contar MICHELE.pdf](http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Contar_MICHELE.pdf). Acesso em: 30 de junho de 2021.

SÁNCHEZ SALOR, Eustaquio; Salvador Díaz, Carlos; Gómez Gómez, Juan María, Teixeira, Cláudia e Martins, Armando Senra, Instituição da Gramática ampliada e explicada por António Velez, Tomos I-II, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2021. Disponível em: <http://monographs.uc.pt/iuc/catalog/view/214/475/834-1>; <http://monographs.uc.pt/iuc/catalog/view/215/476/838-2>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

SEABRA, Leonor Diaz, *Macau e os jesuítas na China (séculos XVI e XVII)*, s.d., 2011.

SILVA, Diego Barbosa da, A política linguística no Japão da Era Meiji, in: *Anais do XX Encontro Nacional de Professores Universitários e Língua, Literatura e Cultura Japonesa e VIII Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, pp.320-327.

SIQUEIRA, Josefina María Núñez, *A Influência Portuguesa no Léxico Japonês*, Monografia para a obtenção do grau de Bacharel, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SILVA, Henrique Rafael S. Silva, *A Arte da Língua de Iapam e os verbos adjetivos*, Trabalho de conclusão de curso de graduação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SOUSA, Padre Francisco de, *Oriente conquistado a Jesus Cristo pelos Padres da Companhia de Jesus da Província de Goa*, Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida, 2 vol., Lello & Irmãos, Porto, 1978.

TASHIRO, Eliza Atsuko, As variedades do japonês nas Artes do Pe. João Rodrigues Tçuzzu, In: *Historiografia da Linguística Brasileira - Boletim 7*, CEDOCH - DL/USP, São Paulo, 2004, pp.199-224. Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/dl/cedoch/downloads/boletim7\\_199-224.pdf](http://www.fflch.usp.br/dl/cedoch/downloads/boletim7_199-224.pdf). Acesso em: 30 de junho de 2021.

TEIXEIRA, Cláudio Alexandre Barros, Wenceslau de Moraes, Intérprete da Cultura Portuguesa, *Anu. Lit.*, v.20, n.2, Florianópolis, 2015, pp.153-164.

VITAL, Natália, Japan in the works of Pierri Loti and Wenceslau de Moraes, *Bulletin of Portuguese – Japanese Studies*, N. 9, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, dez., 2004, pp.43-73.

WALLE, Willy F. Vande Walle, The language barrier in the history of Japanese-European relations, *Kyoto Conference on Japanese Studies 1994 III*, vol. 1-3, 1996, pp.345-356.